This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

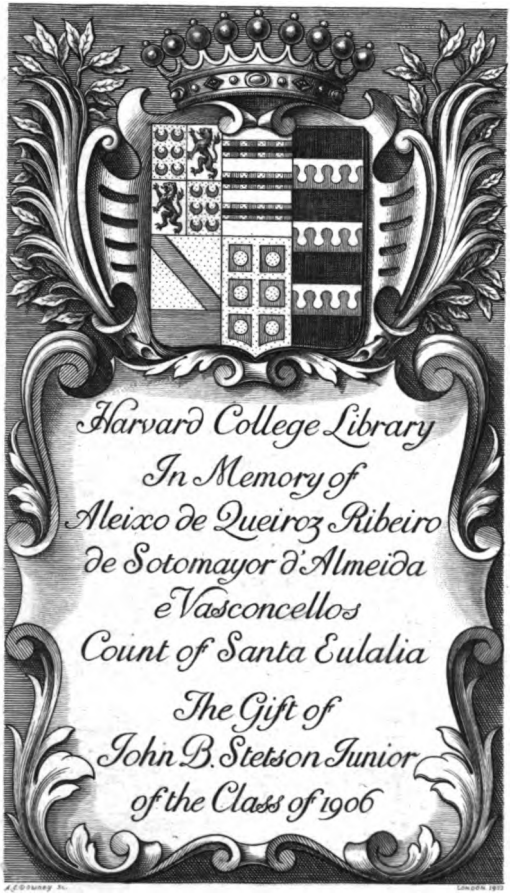
About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Port
6162
3.31

Digitized by Google

Port 6162.3.31



Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

ERNESTO PIRES

SCINTILLAÇÕES

E

SOMBRAS

I — Velhas crenças.

II — Camoneana.

PORTO

EDITOR — ANTONIO JOSÉ DA COSTA VALBOM

1883

Digitized by Google

LIVRARIA
DE
PALHA
Nº
EST. 7, 6

Digitized by Google

SCINTILLAÇÕES E SOMBRAS

Digitized by Google

Digitized by Google

ERNESTO PIRES

SCINTILLAÇÕES E SOMBRAS

I — Velhas crenças.
II — Camoneana.

PORTO
EDITOR — ANTONIO JOSÉ DA COSTA VALBOM
1883

Digitized by Google

Port 6162.3.31

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

N

Digitized by Google

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

DR. ANTONIO JOSÉ DE SOUZA

COMO TESTEMUNHO DE GRATIDÃO

OFFERECE

Digitized by Google

Digitized by Google

PRIMEIRA PARTE

VELHAS CRENÇAS

Digitized by Google

Digitized by Google

SCINTILLAÇÕES E SOMBRAS

NO TUMULO DE MEU PAE

Um Pae, um Deus, um céo, um paraizo!

JOÃO DE DEUS.

Partiu! e na hora extrema da agonia
Nem um remorso a alma lhe rasgava,
Subia para o azul e assim voava
Como uma mansa pomba que subia.

Lançou o olhar á estrada que se abria
E sem temor deixou a que trilhava;
Assim foi que partiu a alma e escrava
A materia volveu á terra fria.

Digitized by Google

Era de noite e a lua scintillante
Crusava a immensidão dos largos céus,
Cantava além um rouxinol, distante...

Então abominei os vis atheus,
Porque vi de joelhos, triumphante
A alma de meu Pae aos pés de Deus.

1877.

Digitized by Google

MATER

Oh! l'amour d'une mère! amour que nul n'oublie.

VICTOR HUGO.

I

Vou empunhar a lyra e dedilhar tremendo
Um harpejo d'amor.
Para este fim augusto era attentado horrendo
Calar-se o trovador.
Embora o canto meu seja modesto e pobre
Tem rica inspiração;
Dedico-o a minha Mãe: — o sentimento é nobre,
Nasceu no coração.
Minha Mãe! minha Mãe! que favos de doçura
E que harmonia vae
No teu nome — Maria! És outra Virgem Pura,
Minha Mãe! minha Mãe!
Quando eu era no berço, a tua voz maviosa
Erguia um canto assim:

Digitized by Google

— « Dorme, meu filho, dorme o teu somno de roza,
Que estás junto de mim!
Depois eu fui crescendo e ensinaste-me, rindo,
As tuas orações.
Esse tempo, meu Deus, foi fugindo... fugindo...
Que tempo d'illusões!
Meu Pae, ao ver-te e a mim, sorria de contente,
Como elle era feliz!
Ai! breve nos deixou... Era velho e doente;
Foi Deus que assim o quiz.
Aquella fronte eburnea, aquelle olhar altivo
Penderam para o chão;
Mas elle não morreu! Eternamente é vivo
No nosso coração.
— Vive, descança em paz, Progenitor honrado
Aos pés do bom Jesus;
Tua esposa viuva e teu filho orphanado
Oram por ti á cruz.

II

Quantos momentos na vida
Voam na aza do soffrer!
Quanta esperança perdida
Nos faz do mundo descrêr!
Por uma hora de alegria
Eternidades de dôr,
Chamem á vida — magia!
Que en chamo ao mundo — traidor!

Digitized by Google

Hoje, gala, pompa, festa,
Prestigio, vaidade só!
— Amanhã d'isto que resta?
— Tumulos cheios de pó!
As garras da crua morte
Vestem de crepe o prazer;
É lei tyranna da sorte:
— Rico e pobre hão de morrer.

Ó, minha lyra, calemos
Os teus lastimosos sons.
E nós, minha mãe, choremos,
Só podem chorar os bons.
Deus, déste a lagrima ao triste
Para lhe mitigar a dôr,
Em nós só a dôr existe,
Nós choraremos, Senhor!

III

Passaremos assim este mundo, Senhora,
As nossas afflicções carpindo mutuamente
Té que a mão da sorte
Venha disseminar em nosso peito frio
A esperança feliz de nos juntarmos todos,
Unidos pela morte.

1877.

Digitized by Google

PERDÃO!

A MINHA MULHER

Rasga meus versos, crê na eternidade.

BOCAGE.

Pedi a Deus um filho que adorasse;
Deus emprestou-m'o só por quatro mezes!
Para sentir assim crueis revezes
Era melhor que Deus não m'o emprestasse.

Fui impio, atheu, feroz! Mas se pensasse
No amor de pae, que nos treslouca ás vezes,
Deus, que é pae tambem, amargas feses
No meu calix talvez não derramasse.

Digitized by Google

Perdão, Senhor, eu peço arrependido.
De novo volto á senda, ao velho trilho
De que só me arredei, enlouquecido!

A dôr, da intelligencia offusca o brilho,
E não ha maior dôr, — dôr que has sentido, —
Que a dôr d'um pae que vê morrer um filho,

4 de abril de 1882.

Digitized by Google

ERNESTINA

A MINHA FILHA

Nul n'est heureux et nul n'est triomphant.

VICTOR HUGO.

Ernestina! bem vês que me sujeito á sorte;
Vive, como teu pae, do bulicio affastada;
Feliz bem sei que não. E' um viver na morte,
Mas tem paciencia, filha e soffre resignada.

Ninguem é feliz, crê. Todos soffrem no mundo,
Para todos a vida é uma obra incompleta;
Em cada hora que vae descarrega-nos fundo
Um incuravel golpe a fera mão secreta.

Digitized by Google

Do berço á tumba dista um passo de creança;
A vida é uma flôr que a viração desfolha,
Um sonho passageiro, um sonho vão d'esp'rança,
Que nos sorri e foge — e que nunca mais se ólha.

A vida é turbilhão, onde paixões enormes
Combatem com fervor batalhas monstruosas;
A perfidia villã compõe traições disformes,
A cobardia esconde as garras cavilosas.

A adulação bajula os grandes potentados,
Despreza a viuvez, a velhice e a orphandade,
Quando ellas vão pedir o pão dos desgraçados,
Estendendo da sombra a mão á caridade.

Já vês que o mundo é mau. Se por acaso leres,
Nos dias d'infortunio, este meu pobre canto,
Lembra-te que teu pae, antes de tu nasceres,
Teu berço humedeceu com abundante pranto.

13 de Abril de 1878.

Digitized by Google

UM POEMA D'ALMA

AO SNR. CAMILLO CASTELLO BRANCO

Eu sou como uma estatua, á qual n'um cemiterio
A luz apenas doira o livido int'rior;
Meu seio é triste, escuro e cheio de mysterio,
Minha alma sem calor.

(*Occasos.*—Pedro de Lima.)

I

Chorar! sempre chorar!...
Estanca-te, meu pranto!
Consente que erga a voz, debil do soffrimento,
Minh'alma angustiada e que nos diga o quanto
Tem sido doloroso o seu cruel tormento.
Escutemos a triste. A sua historia é breve.
Veremos o vigor com que ella nos descreve
As pallidas visões da sua mocidade.
Contar-nos-ha, tambem, com infantil saudade,
As horas que passou, escutando as mimosas
E inspiradas canções, que lhe deram as rosas

Digitized by Google

Do seu unico amor, — um ideal proscripto
Na treva do passado, um dédalo infinito.
Dirá que a sua amante era bella e franzina,
Que tinha o cóllo branco, as fórmas d'uma ondina
E no labio impolluto um sorriso candente,
Vermelho como a côr que tem o sol ponente.
Cogitará depois como é que nasce a aurora
De esp'rançosa illusão e como se evapora
No occaso sepulchral das coisas invisiveis!
— A esperança e a illusão são sempre marcesciveis.
Só temos dentro em nós um incola immudavel,
Chamado soffrimento, enorme, perduravel,
Nasce e morre comnosco e, seja breve ou longa
Nossa estada na terra, elle nunca nos deixa!
Se é larga a nossa vida a d'elle se prolonga,
Só fecha os olhos seus se o nosso olhar se fecha!

II

Amor!...
Existirá quem saiba comprehendel-o,
A elle, ao grande deus de tudo quanto é bello?
O mar, o luctador incessante e inclemente
Terá um coração que pulse ternamente,
Quando retracta em si, por noites de bonança,
Da lua o rosto amigo?
O seu bramido enorme
Será um grito d'alma a invocar a esperança?
Aquella furia ingloria e cruel que o consome

Digitized by Google

Será inconsciente?
— O' grande monstro, ó mar!
Quem ha ahi tão vão que julgue devassar
Os mysterios que tens n'essas verdes entranhas?

O' Primavera! tu, que vestes ás montanhas,
Aos cerros, aos jardins, aos oiteiros e aos prados,
Os trajos festivaes, os trajos perfumados,
Urdidos com a flôr das frescas balsaminas,
Da rosa, do jasmim, do lirio e das boninas;
Tu, que tens no teu seio as noites constelladas
E no labio vermelho as brancas madrugadas;
Tu, que trazes no olhar scintillações ardentes,
Como os beijos das mães e as orações dos crentes;
Tu, que és a inspiração das nossas phantasias,
Que ás andorinhas dás um ninho e ás cotovias
Uma argentina voz para saudar a aurora,
Sabes o que é amor, ó fada encantadora?

Esplendoróso sol, que passas no horisonte,
Levando um mar de fogo a salpicar-te a fronte,
Grande fecundador da vasta natureza,
Tu, que nos dás a luz, o calor e a riqueza,
Tu, que fórmas a chuva e que fórmas os ventos,
Que és um grande portento, entre os maiores portentos,
Dize, ó astro gentil, ó astro protector,
Tu pódes comprehender a immensidão do amor?

O' lua, ó confidente eterna do poeta,
Que vae sob o balcão da timida Julieta
A deshoras chorar apaixonado canto,

Digitized by Google

O' lua, tu, que tens reflectido no pranto
De mais d'um infeliz os teus raios siderios,
Desvendaste do amor os innumeros mysterios?

—Talvez!...
O mar, a lua, o sol, a primavera,
A natureza emfim, que é nossa mãe austera,
Tem fortes crispações de extranho movimento.
A tempestade, a paz, o cahos e o firmamento,
As luctas da materia, as transições do esp'rito,
Desde o odio inclemente ao affecto materno,
Desde a alegria leda ao soffrimento afflicto,
São paginas fataes, escriptas pelo Eterno
Que a humanidade lê e por mais que medita
Não póde comprehender.
O' crença tão bemdicta,
Que immensuravel és! desde o Creador ao homem,
Da casta sensitiva ás heras parasitas,
Das infernaes paixões que o peito nos consomem
A's crenças varonis bem fundamente escriptas
Em nossos corações, entreabre-se um abysmo
Fascinador, voraz, a que a Philosophia
Que faz a Evolução nas forjas do realismo,
Inda não fez baixar um só raio do dia!

III

Ter dentro em nós o amor, a inspiração e a crença,
Um coração que pulsa, um cerebro que pensa,
A luz d'um ideal, que nos illumina e guia,

Digitized by Google

Como um brilhante sol, nos ceus da phantasia,
E ver, pouco e pouco, desfazer-se a esperança,
Sentir que o coração já de pulsar se cança,
Que se vae apagando aquelle nosso ideal
Nas trevas infernaes, ao vir do vendaval;
Ver em cada uma estrella o rosto illuminado
Da formosa mulher, que nos tem fascinado,
E em cada uma flôr, — a recender perfumes,
Como dardejam luz esses sagrados lumes,
Que tem em si o fogo, a espelhação do aço
Que vão a deslumbrar, na amplidão do espaço, —
A imagem da sua alma, immaculada e franca,
Como o olhar de Jesus e a alvura da hostia branca;
Depois fitar o ceu e vel-o já deserto,
Olhar para essa flôr e vel-a resequida,
Buscar dentro do peito o espectro d'um affecto,
(Do peito sem amor, sem fé e já sem vida!)
E' triste expiação a quem só fez o crime
De ter um coração, apaixonado e amante,
Que louco se curvou, flexivel, como um vime,
A' luz d'um terno olhar, traidor e fulminante!

E é essa a expiação cruel que tem haurido
Esta alma, angustiada em duro soffrimento,
Desde que viu passar o bando foragido
Das suas illusões, na aza do pensamento.

Digitized by Google

O TEU RETRATO

AO CONSELHEIRO JULIO LOURENÇO PINTO

Esqueceu-me dizer-te, no outro dia,
Quando fomos, sósinhos, conversando
Em coisas triviaes, que possuia
O teu retrato desde não sei quando.

Eu tenho-o no meu *Album*, bem guardado,
Da minha cama junto á cabeceira;
Quando me deito beijo-o allucinado
E fico a pensar n'elle a noite inteira.

E, depois, quando vem as andorinhas,
Inundadas da luz da madrugada,
Dizer as suas ternas cançõesinhas,
Poisadas no rebordo da sacada,

Digitized by Google

Eu torno a vel-o, minha doce Helena,
E os labios meus lhe cólo novamente,
Sentindo dentro d'alma a aguda pena
De o não poder beijar continuamente.

Ai! tu, que és tão bondosa para todos,
E tão amiga que és dos desgraçados,
Auxilia-me a ver porque bons modos
Serão estes delirios terminados.

Findavam se viesses, suspirando
Como as antigas damas de Veneza,
O labio quente e o terno peito arfando,
Dizer-me, n'essas horas de tristeza:

—Nunca mais beijes, ai! a querida imagem
Que te perturba as noites de ventura;
Eu sou a realidade, ella a miragem,
Ella é a concepção, eu a estatura.

Eu sou a amante que por ti suspira
Nas horas longas d'um penar immenso:
Tu o cantor d'uma formosa lyra
Em quem de ha muito, solitaria, penso.

Eu sou a estrella que te guia os passos
Da vida após os tenebrosos brejos...
Poeta, tomba nos meus debeis braços,
Quero sorver os teus nervosos beijos.—

Digitized by Google

Mas tu não vens compadecida, Helena,
Nem sequer ouves o meu triste canto!
Bem sei que a honra o teu amor condemna,
Embora por te amar eu soffra tanto!...

Deixa que ao menos no meu *Album* tenha
O teu retrato, semelhança infinda,
E quando a morte transformar-me venha,
Sobre o meu labio o collarei ainda.

E assim satisfarei o meu desejo:
—Beijar-te sempre, Helena, eternamente!
Os vermes sentirão o estranho beijo,
Não corrompendo o nosso amor ardente.

1883.

Digitized by Google

VIZÃO

AO DR. ALEXANDRE BRAGA

Christo pallido e morto, os Lazaros esperam!
GUILHERME BRAGA.

A Primavera enchia a natureza
De sons, d'aromas e de bellas flôres,
Cantavam rouxinoes pela deveza
As suaves canções de seus amores;
Andava a lua pelo ceu errante,
Cravando o olhar no coração das sguas
Como viuva e solitaria amante
Que procura esquecer as suas magoas.

As estrellas, suspensas do infinito,
— Quem sabe se outros mundos habitados,
Iam passando pelo Azul bemdicto
Como craneos de heroes illuminados;
A brisa sussurrava docemente
Entre pomares e vergeis em flôr

Digitized by Google

E perto o grande mar inconsciente
Manso beijava a praia sem fragor.

Eu fui sentar-me juncto d'elle, quando
Ouvi ignota voz que disse: — O' triste,
O mar e a noite agora estão contando
Segredos d'um affecto que inda existe!
Desprende, trovador, da lyra bella
Os accentos febris d'uma canção;
O homem é o amor, a alma a philomela,
A Crença o bem, a vida uma illuzão.—

E ouvindo aquella voz meiga fallando
Eu principiei assim então cantando:

— O' noite, ó noite eterna, confidente
Das queixas amorosas dos Romeus,
Quem te deu esse manto transparente
Em que envolves a terra, o mar e os ceus?
Noite, quero viver eternamente
A' beira do oceano escurecido,
A ver aquella lucta incongruente
A ouvir aquelle homerico gemido.
Deve ser bom dormir o somno eterno,
Sepultado n'um pincaro das rochas,
Sobranceiro na morte áquelle inferno,
Tendo as estrellas por mortuarias tochas.
Sobre este corpo, descarnado já,
As aguias poisarão os membros lassos
E, quando o sol brilhar pelos espaços,
Protector como o olhar de Jehovah,
Virão as andorinhas innocentes
Fazer os ninhos na arca do meu craneo,

Digitized by Google

Fecundas d'alegrias transparentes,
Gloriosas d'um affecto consentaneo.
Nas noites de invernia, a tempestade,
Rugindo ameaçadora na amplidão,
Deslumbrante de tanta magestade,
Prenhe de raios, forte d'afflicção,
Entoará um hymno surprehendente
Nas harpas da tormenta e então desfeito
Cairá por terra o roble viridente
E a ossada carcomida do meu peito.
O mar raivoso como um leão ferido
Por audaz caçador nas feras brutas,
Não soltará um languido gemido,
Nem deixará as rochas inda enxutas;
Rugindo elevará o dorso altivo,
Espumante, feroz dos escarceus
E, na furia insensata, o mar captivo
Tentará abater os proprios céus.
Os ventos soltarão no largo espaço
Por entre a tempestade um silvo ardente,
Cortante como alfange feito d'aço,
Medonho como grito de serpente
E levarão por esse mundo fóra
Os meus cabellos desprendidos, soltos,
Que foram n'outro tempo, á luz d'aurora,
O que não serão já na terra envoltos.
A minha alma, porém, cheia de vida,
Imagem do bom Deus que a bafejou,
Vagará triste, só e arrependida,
Livre do corpo vil que a aprisionou
E, nas furias crueis da tempestade,
Caminhando por entre aquelle horror,
Ella irá procurando a Eternidade,
Cheia de contricção, cheia d'amor.

Digitized by Google

Calei-me e juncto a mim surgiu, risonha,
Dulcissima visão encantadora;
Trazia em seu olhar, olhar que sonha,
A formosa eandura d'uma aurora.
Erguendo a voz fitou-me e com espanto,
Compassiva talvez da desesp'rança
Que traduzia o seu immenso pranto
— E' cedo, ainda! disse. Ólha, creança,
Pensar na morte em tão fulgentes annos
E' colher verde a flôr dos desenganos,
Matando dentro em ti a flôr da esp'rança
Não vês? A madrugada vem tingindo
Com rubras côres os limpidos trigaes,
Parece que a natura está sorrindo
N'um idilio feliz, amor infindo
Que faz abrir as urnas dos rosaes...
Abre tambem o coração, poeta,
Deixa medrar a flôr da inspiração,
Casta como a castissima violeta
Que na penumbra nasce e ahi vegeta,
Perfumando os jardins e a viração.
Eu disse-te inda ha pouco: — A crença é o bem
Querendo reviver tua alma, pobre
D'um affecto gentil que a vida tem
E que um novo horisonte nos descobre,
E agora a cotovia desprendendo
Os canticos gentis da madrugada,
Parece que te está assim dizendo:
— Escuta a voz da Esp'rança, a gentil fada
Que entorna no teu seio o nectar puro,
A ambrozia sublime da ventura
E que fará talvez do teu futuro
Um páramo d'immensa formosura.

Digitized by Google

Ergui o olhar á immensidão dos ceus
E vi subindo ao ar a vizão querida,
Envolta em transparentes, finos veus,
A loura côma ao vento desprendida.
Sumia-se atravez de nuvem densa,
Como a vizão subtil d'uma chimera
E dizia-me do ar com voz extensa:
—Eu sou a Crença, o Bem! Espera, Espera!

1878.

Digitized by Google

DESCRENÇA

AO DR. RODRIGO VELLOSO

Ai, que és tu existencia ?! Um pezadelo,
Um sonho mau de que se acorda em trevas,
Na valla dos cadaveres, em meio
Da unica herança que pertence ao homem,
Um sudario e o perpetuo esquecimento.

A. Herculano.—*Poesias varias.*

Eu sinto no meu peito, Alzira bella,
O baratro cruel dos desenganos;
A pallida razão dos poucos annos
Illumina-m'a a luz do soffrimento.
Senil estou no alvorecer da vida;
Olho o passado, um turbilhão escuro!
Não sei que voz me diz que no futuro,
Inda maior será o meu tormento!...

Digitized by Google

Ignea paixão me roe as fibras d'alma,
A crença esvae-se-me ao pensar no mundo ;
Crê que é um vario pélago profundo
Este mar de esperança que sulcamos.
Ora nos surge, no ceruleo espaço,
Nitida luz de fulgurante alvura ;
Mas vem logo a noite escura... escura
E apaga para sempre a luz que olhamos.

Phantastica vizão povôa a mente
Do que julga sorver a todo o instante
Um hausto salutar, vivificante
D'aereo prazer que velozmente foge.
O crástino rubor da meiga aurora
Acordará as aves em seus ninhos,
Ai, mas não lhes dará eguaes carinhos
Aos que lhes deu a madrugada de hoje.

O mar, feroz leão que brame altivo
E que sacode a juba alcantilada,
Reconhece a verdade do seu nada,
Quebrando os vagalhões contra os fraguedos.
Agora eleva o dorso, alvo, espumante
E logo beija as praias humilhado,
Ao ver o seu dominio limitado
Pelos vastos areaes, pelos rochedos.

Estruge a tempestade ameaçadora,
Pairando sobre a terra e o mar extenso;
Jove desprende o raio e o facho immenso
Fuzilla por momento a escuridade.

Digitized by Google

As sombras crescem, — uns titans enormes,
O furacão pasce atravez dos prados,.
Os estépites cáem destroçados
E ao monstro nem se oppõe a humanidade!

Mas passadas as horas da tormenta
A natureza volta á velha calma.
No céu resplende o azul e então minh'alma
Humilda-se ao poder do Omnipotente,
— Que é o unico poder em que inda creio.
Todo o universo é Deus e n'elle o adoro;
Sinto-me pantheista, ouvindo o côro,
Que a natureza entôa reverente.

As variegadas flôres das campinas,
A vastidão do mar, côr de saphyra,
A voz do rouxinol que além suspira,
O arroyo sobre a relva deslisando,
A lua retratando-se na lympha,
As avesinhas construindo os ninhos,
Os cuidados das mães junto aos filhinhos
O Ser Omnipotente estão louvando.

O amor é para as almas venturosas
Um perenne ideal de paz tranquilla;
Antevê-lhe o porvir feliz Sybilla,
Bafeja-lhe o presente lêda aragem!
Libra-se pelo céu da phantasia,
Procura inspiração no devaneio
E entumece d'amor um casto seio
A sua melancolica bafagem.

Digitized by Google

Ai, mas ha corações desnaturados
Que são estabulos d'amor fingido;
Ha labio juvenil prostituido
Pela falsidade vil d'um juramento!
Por entre os roseiraes do meu passado
Alguns aspides ha que o envenenaram.
Eu fui no amor um Tantalo e os que amaram
São martyres como eu no soffrimento.

Já vês, Alzira, que não posso dar-te
Um coração amante como queres.
Bem sei que és tu um anjo entre as mulheres,
Mas eu não sinto o amor em que te abrazas!
Eu tenho a minha Cruz e o meu Calvario,
Tu tens da mocidade a lêda esp'rança,
Goza, goza tranquilla, mas, creança,
Olha a chamma do amor, encolhe as azas!

1880.

Digitized by Google

NO CAMPO

A JAYME DE SEGUIER

I

Em eiras vasias as moças n'aldeia
Por noites de lua retouçam contentes;
Recrescem as danças, canções innocentes
Se escutam vibradas por labios de rosas...
O' moças formosas,
Cantar e bailar
Ao som das violas, á luz do luar!

II

A dôce alegria das almas tranquillas
Preside aos folguedos e aos bellos descantes.

Digitized by Google

Os braços robustos dos ternos amantes
Enlaçam, tremendo, cinturas nervosas...
Avante, formosas,
Cantar e bailar
Com vossos amantes á luz do luar!

III

No céu, as estrellas flamejam de raiva
Ao ver os requebros, febris bailadeiras,
D'uns olhos bonitos em faces trigueiras,
D'uns olhos bonitos em faces mimosas,
Por isso, formosas,
Cantar e bailar,
Fitando as estrellas, á luz do luar!

IV

Nas franças da selva, caladas attendem
O bello concerto de vossas cantigas;
Transidas de inveja, gentis raparigas,
As bellas cantoras das noites saudosas,
Não cancem, formosas,
Cantar e bailar,
Que sois philomelas á luz do luar!

Digitized by Google

V

Nos prados as flôres, abrindo as corollas
Escutam attentas os vossos folguedos
E as tenras boninas revellam segredos
Aos cravos, aos lyrios, ás dhalias e ás rosas.
Não parem, formosas,
Cantar e bailar,
Que ha flôres que se abrem á luz do luar!

VI

O rio que passa, banhando nas ribas
O lugubre choupo e o robusto salgueiro,
Suspende sereno seu curso ligeiro,
Ouvindo o ruido de festas garbosas;
O' divas formosas,
Cantar e bailar,
Que as aguas quedaram-se á luz do luar!

VII

A noite vae alta e Diana prateia
As messes já loiras do trigo e centeio
E Apóllo ao voltar do seu largo passeio

Digitized by Google

Verá as ceifeiras no campo saudosas.
Agora, formosas,
Cantar e bailár,
Que breve se esconde essa luz do luar!

VIII

Ao peito as violas, rapazes d'aldeia,
Tangei-as com força, gentis amadores,
Que as bellas do sitio com vossos amores
Se julgam felizes, se sentem vaidosas;
E vós, ó formosas,
Cantar e bailar,
Ao som das violas, á luz do luar!

1883.

Digitized by Google

O HOMEM

AO DR. THEOPHILO BRAGA

Nasce para morrer; morre para viver!
Deixa por sobre a terra uns sulcos luminosos
E vae levando á morte os passos vagarosos,
Guardando dentro d'alma indomito soffrer.

Se tem a roer-lhe o craneo a chaga assustadora
Que transformou Camões n'um genio immortal,
Aureola-lhe a fronte uma fulgente aurora,
Mas segue sem parar no caminho fatal.

A morte é um problema insondavel e frio
Que o homem tenta em vão ha muito decifrar,
—Quem sondou do passado o cadaver sombrio,
Quem compulsou a terra e auscultou o mar?

Digitized by Google

Serão prantos de luz, ou mundos habitados
Os prantos que além vão a perpassar nos ceus?
Noites de eterno amor, teus seios constellados
Póde-os só profanar o ardente olhar de Deus!

Debalde o homem atira as arrojadas sondas
Ao ventre palpitante e vasto do infinito!
Quem sabe prescrutar o coração das ondas,
A immensidão do espaço, as rochas de granito?

Quem póde devassar o abysmo do insondavel,
Illuminar a sombra intensa do porvir,
Suster da tempestade a colera implacavel,
Fazer que a alma immortal deixe d'amar, sentir?

—O homem?—Atroz loucura! A aguia que toca os céus
Cáe sempre extenuada entre os montões da terra.
—Que mysterio, Senhor, a tua mão encerra!
Aonde o homem acaba é que começa Deus.

Digitized by Google

QUADROS HISTORICOS

A ARIOSTO MACHADO

Temos na nossa historia as paginas doiradas
De rasgos de valor, gloriosas, immortaes:
Poetas, guerreiros mil, athleticas cruzadas,
Que assombravam o mundo e invejavam rivaes!

Henriques, o primeiro ergueu alto a bandeira
Da nossa independencia e os mouros expulsou,
Animando co'a espada a sua hoste guerreira
E apontando-lhe a cruz, onde Christo expirou.

A Affonso não rendeu Coimbra, Martim de Freitas
Sem ter ido a Toledo, elle em pessoa, abrir
O tumulo de D. Sancho a ver se eram perfeitas
As noticias d'então o rei não existir.

Digitized by Google

Pedro leva ao delirio a paixão amorosa
Que dedica á gentil, desventurada Ignez
E nos braços da diva a vida descuidosa
Vae passando do amor na dôce placidez.

Corre o tempo ligeiro, as horas são momentos,
Pedro sonha ditoso e vive de illuzão,
Sem se lembrar sequer d'esses reptis nojentos
Que pensam noite e dia em f'rir-lhe o coração.

No momento em que volta aos braços da donzella
E a encontra morta o infante, espantado de horror,
Sólta um grito de raiva e jura junto d'ella
Rasgar do assassino o coração traidor.

Parte, procura sempre a vingança gostosa,
Caminha sem cessar e mal sabe onde vae;
Diz-lhe não sei que voz: — Quem te matou a esposa
Foi a soberba audaz de teu malvado pae!

Que lucta trava então aquelle peito afflicto!
D'um lado a morta Ignez vingança inda clamar,
Os filhos na orphandade, elle só e proscripto;
Do outro seu proprio pae! — Em quem se hade vingar?

Que hade Pedro fazer? — Manchar as mãos no sangue
De seu pae, de seu rei? Isso era uma traição!...
Mas elle vê o rosto, inanimado, exangue
Do anjo que lhe levou á tumba o coração.

Digitized by Google

E lucta, lucta sempre! Os dias desejados
Lá despontam alfim,—o algoz na tumba cáe;
D. Pedro sobe ao throno e são aprisionados
Os instrumentos vis do crime de seu pae.

Foi cruel a vingança, a desforra pensada,
Mas foi justa, meu Deus! Tu, poeta, talvez
Inda fosses peor ao ver ensanguentada
E para sempre morta a tua cara Ignez.

Em Tanger, D. Fernando expira, escravisado,
Porém Ceuta não deixa aos impios entregar
E quiz antes morrer, na masmorra, algemado
Que ver n'aquella praça alheios imperar.

O Principe Perfeito entrega ao pae a c'rôa
E não quer governar emquanto elle viver.
Que filial amor! Christo sempre abençoa
Os que trilham no mundo a senda do dever.

Reina D. Manoel; Albuquerque, Menezes
Conquistam Mazagão, Azamor, vão a Ormuz
Pedro Alvares Cabral, não temendo os revezes,
Navega mar além,—descobre Sancta Cruz.

Quantos exemplos mais temos na nossa historia
De coragem e amor, ditoso Portugal!
Bastava-te Camões para te elevar á gloria,
Se não tivesses mais, já eras immortal!

Digitized by Google

MINIATURAS

A REIS DAMASO

I

E' um croquis feliz e deslumbrante
Aquelle que tu tens no boudoir;
Eu, quando o vejo, ponho-me a scismar
De Bordallo no genio fascinante.

O olhar do negro Othelo, scintillante
Como o aço batido do luar,
Roe ali, como o dente d'um jaguar,
De Desdemona o seio provocante...

Mas isto, filha, é quando te não vejo
Em trajos de manhã, abandonada,
Entre-aberto, no cóllo, o penteador...

Porque então, sériamente, o que eu almejo
E' atirar esta alma arrebatada,
Pelos brejos phantasticos do Amor.

Digitized by Google

II

Passavas recostada no teu break
Como visão de sonhos vaporosos,
Os olhos quasi em branco, langurosos,
Tremendo-te, na mão nervosa, o leque.

E eu andava sósinho, divagando
A meditar nos teus caprichos loucos,
Que o coração me téem rasgado aos poucos
E as illusões me vão inutilisando.

Ao ver-te assim, mulher, tão fascinante,
Tão cheia d'oiropeis e de vaidade,
Sondei o inferno a que desceu o Dante.

Disse depois : —Se o amor é uma verdade,
Mostra-me o sei nu, sê minha amante
E ri como eu tambem da castidade.

Digitized by Google

AO ACTOR

SOLLER

NA NOITE DO SEU REAPPARECIMENTO EM SCENA

23 DE NOVEMBRO DE 1881

Eil-o de novo o grande sol do Genio
Illuminando da Arte o augusto templo!
Se ha hoje nova luz n'esse proscenio,
Ha mais fogo no olhar com que o contemplo.

Porque eu sou um idolatra da Arte
E tenho dentro d'alma a fé profunda
De qne hade germinar por toda a parte
A idolatria que meu peito inunda.

Digitized by Google

Eu venho aqui render um preito ardente
Ao actor que de novo á scena vem;
E dizer-lhe que o Porto, hoje contente,
P'la minha bôcca o vem saudar tambem.

Se a treva da desgraça, por instantes,
O fulgor empanou da sua fama,
Soller hoje resurge, como d'antes,
Ante a nossa alma que com fogo o acclama.

E vem ganhar novos tropheus de gloria
Na liça do trabalho e da conquista;
Vamos tecer a c'rôa da victoria
Que inda hade engrinaldar o grande artista.

E no vigor phrenetico das palmas,
No delirio nervoso da ovação,
Enviemos a Soller as nossas almas,
Enviemos a Soller o coração.

Digitized by Google

EU E ELLA

A A. SEQUEIRA FERRAZ

Nós iamos sósinhos, abraçados
A' beira do oceano transparente,
Felizes como vão dois namorados,
Que se amam, desde muito, doidamente.

Disseste, poisando no meu braço
Essa gentil cabeça enebriante:
—Porque é que vae rolando o sol no espaço
Até cair no mar, agonisante?

Depois, cheio de pranto o rosto lindo
Perguntaste, e na voz que torvo acento:
—E' como o sol o teu amor, infindo
Ou tem tambem um mar,—o esquecimento?

Digitized by Google

E' como o sol o meu amor, é certo!
Se agora cae n'uma voraz descrença,
Ergue-se logo mais febril, inquieto,
Fecundo de vigor, de luz intensa.

SUPPLICA

Nos paramos azues da immensidade
A scismadora lua já se embala,
Fitando o brando olhar da côr da opala
Nos roseiraes da minha mocidade.

E' tepido o ambiente e a soledade
Das noites outomnaes do seio exhala
Dulcissimo perfume e inda me falla
Nos tempos que passaram com saudade.

Digitized by Google

Vem, Leonor, erguer teus negros olhos
A' abobada celeste do infinito,
Um vasto mar onde não ha escolhos,

E esquece então as culpas do precito
Que vae, como Caim, calcando abrolhos,
Mas aguardando o teu perdão bemdito.

ILLUSÕES

Se te vejo á janella do mirante
Com a fronte pousada sobre a mão,
Assim como quem deixa andar distante
A vida, a intelligencia e o coração;

Eu fico absorto a contemplar teu rosto,
De belleza conjuncto seductor

Digitized by Google

E arranco d'alma um intimo desgosto
Que murchou muitas crenças inda em flôr.

E se acordas do dulcido lethargo
E teus olhos abaixas até mim
Parece-me este peito pouco largo
Para conter o olhar d'um cherubim.

A neve da descrença que estiola
Derrete-se ante a luz do teu olhar!
Eu sou o pobre que mendiga a esmola,
Tu a rainha que m'a podes dar.

Não lances mais teus olhos seductores
Pelos abysmos do Insondavel, não;
Abaixa-os sempre á noite dos horrores,
Aonde lucta em vão meu coração.

Digitized by Google

N'UM TUMULO

A vida percorreu sorrindo docemente
A's sãs inspirações, energicas do Bem;
Na morte é respeital-o, — ao justo, ao bom, ao crente
Que a mão de Deus conduz nos páramos d'além.

Romeiros, descobri a fronte austera e nobre,
O' vós que ainda viveis no mundo da illusão!
Quem é que passa ahi que a fronte não descobre
Se cada feito seu nos foi uma lição?!

Digitized by Google

A UMAS MÃOS PEQUENINAS

A GOMES LEAL

I

Os teus dedos delicados,
As tuas mãos pequeninas
Não empunham as clavinas
Dos arrogantes soldados.

São meigas, ternas, suaves
Como o olhar de imperatrizes,
Parecem um ninho d'aves
E não fazem cicatrizes

Digitized by Google

Nos fortes peitos tyrannos,
Nas almas cruas, ferinas
Os teus dedos myrabolanos,
As tuas mãos pequeninas.

As tuas unhas de prata
Sinistras como a loucura,
Tem a arrogancia que mata
E a docilidade que cura.

Ai, se as tivera Macbett,
As tuas unhas tão finas,
Tinha mais que um estylete
Nas suas mãos pequeninas.

Ternas mãos feitas d'espumas,
Regias mãos entre as Rainhas,
Tendes por dedos as plumas
Dos collos das andorinhas.

Sois ideaes e suaves,
O' mãos feitas para ninhos,
Para brincar com as aves,
Para cingir passarinhos.

E já que tendes a prova
De que sois assim divinas,
Trazei-me *beijos* á cova,
O' santas mãos pequeninas!

Digitized by Google

II

As tuas mãos pequeninas,
As tuas mãos transparentes,
São mais leves que as ondinas
Das brancas aguas dolentes.

Quando as poisas no teclado,
Chora o piano de manso,
Um choro triste, magoado...
D'ouvil-o nunca me canço.

E se as ergues para o céu
Infinito, azul, sem nuvens:
—Aquellas mãos, digo eu,
Foram das virgens de Rubens.

A côr marmorea dos dedos,
A transparencia das veias
Incutem n'alma segredos,
Como as canções das aldeias.

E a curva dôce do pulso
E essa penugem da pelle...
Quem me dera ser expulso
Pelas tuas mãos, Cybelle!

Digitized by Google

Mais que expulso, asphixiado
Por essas mãos pequeninas,
Mãos que ninguem tem sonhado,
Mais do que bellas... divinas.

III

Nem os dedinhos d'Omphale,
Desfebrando o linho á roca,
Eram mais lindos... que falle
De Hercules a terna bôca.

Eu nem sei mesmo de coisa
Que seja mais fascinante
Que a côr leve de rosa
Da tua mão provocante.

A tua mão se descança,
N'esse teu peito, um arminho,
Parece uma pomba mansa,
Aconchegada, no ninho.

Um ninho feito d'aromas
Sobre um cóllo prateado,
Escondido entre alvas pomas,
N'um socego recatado

Digitized by Google

Ai, se tu fosses inquieta,
Com as tuas mãos pequenas
Rasgavas as açucenas
Da minh'alma de poeta.

Aos teus pés ajoelhado,
Sonhando coisas divinas,
Deixa que beije enlevado
As tuas mãos pequeninas.

Lisboa, 1882.

MEDITANDO

A J. LEITE DE VASCONCELLOS

I

Eu tenho-te raiva e amor,
Nem sei se sou teu amigo!
Ora adoro, ora maldigo
A tua vida, Leonor!

Digitized by Google

E sabes porquê, minha flôr?
Eu penso ás vezes commigo:
— Será uma sombra que eu sigo,
Serei eu um sonhador?

Ou de facto é essa a imagem
D'aquella casta miragem!
Que me seduz, que me attrae?

E's anjo ou mulher? Que importa!
Eu tenho a Alma já morta,
Desprende as azas... e vae!

II

E vae cruzar o Infinito,
A immensidão casta e bella,
Mulher, engasta-te estrella,
Anjo, ascende ao céu bemdito.

Deixa que eu viva na morte,
Sem crença, sem luz, sem nada;
Segue tu a nova estrada,
Busca tu o novo norte.

Digitized by Google

Desprende as azas de neve,
Agita as pennas de leve,
Voa, voa, ó pomba mansa!

Quanto mais louge tu vaes
Mais cresce a orchestra dos ais
E mais se cala a da esperança.

DIVANHOS

Heide roubar o fio mais comprido
Da tua longa trança, côr do oiro
E aconchegal-o assim como um thesoiro,
Contra o meu seio quente e dolorido.

Depois heide tecel-o levemente,
Fazer com elle o mais gentil brocado,

Digitized by Google

Onde possa occultar o goivo amado
Que tu me déste, Helena, ultimamente.

Quando eu contemple as folhas resequidas
Da mortuaria flôr que tu me déste,
Talvez a vida me não seja agreste,
Talvez renasçam illusões perdidas!...

Porque o suave aroma, que embriaga
A crença mais sentida d'este peito,
A' dôr, ao soffrimento sempre affeito,
E' esse que com pranto a vida alaga.

Fizeste bem em dar-me aquelle goivo,
Advinhaste o thalamo da morte,
Nós vamos já partir, gentil consorte,
Serei na terra fria o amado noivo.

Mas antes, meu amor, deixa que roube
Do teu cabello o fio mais brilhante.
Quero envolver o goivo fascinante
Que da existencia entre os fragores me coube.

Prende depois a flôr da larangeira
E vamos sem terror ao frio leito.
Tu tremes?—Tens o fogo de meu peito
Para alentar-te a eternidade inteira.

Digitized by Google

MYSTERIO

Tombava o sol no mar azul e quedo,
Manso talvez de tanto batalhar;
Assobiava um melro entre o arvoredo
Verdejante que tens no teu pomar.

Eu fui sentar-me á beira do caminho
Que vae ter ao paçal do bom reitor
E alli fiquei assim triste e sósinho,
Pensando quanto és boa, meu amor!

Os meus olhos, de ha muito resequidos,
Tiveram prantos de conforto, então;
Não sei que ignota voz a meus ouvidos
Disse: — Ergue á luz teu morto coração! —

Eu cahi de joelhos sobre a estrada,
Impellido talvez p'la mão de Deus.
Quando elevei a fronte resignada
Crusava a lua a immensidão dos céus.

Digitized by Google

DESCRENÇA E AMOR

Baldado esforço o meu, ó dôce Leonor!
Se busco a luz gentil do teu limpido olhar,
Encontro a solidão, um vacuo aterrador,
E a noite, a noite atroz do meu cruel penar.

Se antevejo, fulgindo o brilho de uma estrella
Nas vastas amplidões dos sonhos do Ideal,
Não sei que irradiação me vem da luz tam bella,
Mixto de goso e dôr, mixto de bem e mal.

Loucura é recordar o tempo do passado,
Não o accordes jámais, deixal-o lá dormir.
Quem lembra a juventude, o amor e um lyrio amado
Hade partir por força a alma... hade partir!

E eu tenho estrangulado as crenças do meu seio,
Lembrando o nosso amor e os tempos que lá vão...
N'esta lucta cruel, n'este feroz anceio
Salvei apenas, crê, intacto o coração.

Digitized by Google

Coração que pulsou por ti, astro gentil!
Coração que ainda pulsa ao ver teu rosto, amor,
Coração que é só teu, assim como do anil
São os mundos de luz que brilham, Leonor?

A UMA PECCADORA

Terna miragem de meus sonhos loucos,
Qual foi a terra que te viu nascer?
Cadiz, Sevilha, Barcelona, Malaga,
Onde o teu berço, esculptural mulher?

Bella hespanhola de meiguice tanta,
Porque me juras um tão vivo amor,
Se eu tenho apenas n'este peito gelido
Um coração que succumbiu á dôr?

Digitized by Google

Porque divagas, sem ninguem, errante,
Sob este ceu azul e irmão do teu?
Quem d'essa fronte te arrancou a purpura
E t'a envolveu em mortuario veu?

Qual foi a noite de luar serena,
Em que, escutando sob o teu balcão
Ternos suspiros de guitarra morbida,
Perfidas queixas do teu D. João;

Doida, sorrindo, adormeceste á sombra
Da mancenilha de mortal odôr?
Ai! Quantas crenças tens lançado ao tumulo,
Quantas esp'ranças desfolhado, amor!

II

Quando desnastras as compridas comas
Da côr da noite e te escureces n'ellas,
Teem teus olhos crispações mais bellas,
São mais nevadas tuas rijas pomas.

Ai! que belleza n'essas fórmas nuas!
Como é rosada essa epiderme fina!
Juro-te, Alzira, que és a mais divina
D'essas creanças, companheiras tuas.

Digitized by Google

Tens nos teus labios um botão de rosa
Que desabrocha ao orvalhar dos beijos,
Que aviva sempre os mais febris desejos
Dentro da minha compleição nervosa.

Quando me prendes, sem vigor, dolente,
Entre teus braços, — femenis cadeias —
E me protestas que no mundo anceias
— Que desvario! — o meu amor, sómente,

Maldigo o instante em que tombou no lixo
O teu pudor, minha gentil Alzira,
Embora seja o teu amor — mentira,
Embora seja o meu amor — capricho!

III

Além o Tejo vae saudoso e brando
Levar as aguas ás soidões de mar,
Suspira queixas de tristeza infinda
A' nivea luz d'occidental luar.

Que noite, Alzira, de belleza tanta!
A lua fulge na amplidão azul
E a brisa amena rumoreja apenas
Entre os vergeis, entre os rozaes do sul.

Digitized by Google

Ao longe, ao longe não escutas, bella,
Ternas endechas de chorosa lyra?
E' trovador a quem roubaram crenças
E que da noite na soidão suspira.

Soffro tambem. Na mocidade tive
Um coração que palpitou d'amor,
Ora divago, procurando a morte
Por entre as trevas d'este meu horror.

Se alguem me jura uma affeição eterna
Descrê minh'alma da gentil visão,
Crenças não tenho, arrebatou-m'as todas,
Inda na infancia, assolador tufão.

IV

Custa-me ver-te tão formosa e meiga,
Tendo rasgados da innocencia os veus.
Salva-te ainda! A' peccadora acode,
Quando contricta, a protecção de Deus.

Ergue-te á luz que nos deslumbra a vista,
Luz protectora d'um brilhante sol,
Seja-te a vida expiação condigna,
Sejam-te as lagrimas subtil crysol.

Digitized by Google

Chora, creança, que esse pranto é vida,
Chora, creança, que esse pranto é luz;
A Magdalena redimiu as culpas,
Chorando aos pés da immaculada cruz.

CONFORTO

A MINHA MULHER

Angustiada mãe, enxuga os olhos tumidos!
Não chores mais a sorte ao teu filhinho morto;
Alma feita por Deus buscou o manso porto,
Onde a innocencia gosa eternamente a luz.
Abriu as azas, foi aos páramos da Gloria
Tomar na loira fronte a luminosa c'rôa
E agora, lá no ceu, a sua voz entôa
Um cantico d'amor aos pés do bom Jesus.

Digitized by Google

Quando a triste Rachel chorou pungentes lagrimas
Sobre as faces sem côr dos filhos pequeninos,
Ouvia a imprecação feroz dos assassinos
Que matavam então os infantes judeus;
Mas dentro de seu peito aquella immensa mágoa
Cedia pouco e pouco á venturosa ideia:
—Este sangue que ensopa os campos da Judeia
Um dia o remirá e sangue do Homem Deus.

E foi assim! O Christo, entre crueis supplicios
Morreu na Cruz, salvando a humanidade ignava;
Rasgou-se o véu do Templo e a ignobil terra escrava
Tremeu terrivelmente em forte convulsão;
Sairam do sepulchro os corpos santos, martyres,
Fulgiu a luz eterna, a luz da liberdade
E vendo o terramoto e o facho da verdade
Creu no Filho de Deus o vil Centurião.

Ao ceu chegou Jesus. Das almas da innocencia
Creou as legiões dos anjos que o adoram;
E inda ha novas Racheis que loucamente choram
Ao ver subir um filho ás regiões do Bem!
Por Deus! enxuga o pranto, essas torrentes limpidas,
Que sulcam brandamente esse teu rosto triste,
Teu filho não morreu! Eternamente existe:
—Transformou-se, mulher, n'um anjo que Deus tem!

Digitized by Google

O NATAL

A' escravidão sujeita a humanidade,
Não tendo n'alma as convulsões do amor,
Caminha para o mal, cheia de horror,
Ninguem lhe aponta a luz na immensidade.

Mas surge além a eterna claridade,
Sôa no espaço um grito atroador,
Cae esmagada aos pés do vencedor
A tyrannia—o tronco da maldade.

Nasce Jesus, o pae dos opprimidos,
Rejuvenesce a crença tão fagueira,
Cessam de todo lagrimas, gemidos.

Nasce Jesus e pela vez primeira
Da Liberdade os canticos sentidos
Correm de banda a banda a terra inteira.

Digitized by Google

SAUDAÇÃO

A' SOCIEDADE D'AMADORES «LUZ E CARIDADE»

(POESIA RECITADA NO THEATRO PRINCIPE REAL DO PORTO, NA NOITE DE 22 DE DEZEMBRO DE 1880)

Se dizeis á orphandade:—Enxuga o amargo pranto
Que Deus véla por ti com doce assiduidade;
Se amparaes de velhice o morbido quebranto
E daes á viuvez o pão da caridade;

Olhae! Do ceu já desce a auréola brilhante
Que vos hade cingir a fronte immaculada,
Auréola de soes enorme e fascinante
Como a alma de Deus e os sons da madrugada!

Se vós andaes salvando a timida innocencia,
Das garras da miseria—a mãe cruel do vicio,
Se andaes a construir para a triste indigencia
Asylo, onde não entre a sombra d'um supplicio;

Digitized by Google

E' que sabeis cumprir as maximas ethereas
Que prégou pela terra o Christo agonisante!
Olhae! por isso vem das regiões sidereas
Poisar na vossa fronte a auréola brilhante.

CRUEL!

Tormentos quem os sente? Quem ousado
Apregoa no mundo um soffrimento?
Amor... só quem o tem, tem o tormento
Que eu tenho agora, amante escravisado!

Escravo eu beijo os ferros, se a teu lado
Ditoso passo n'um feliz momento,
Embora guarde n'alma o sentimento,
Que fez de mim, cruel! um desgraçado.

Supplicio atroz! saber que ha no teu peito,
Mulher que adóro, um coração perfeito
Que pulsa vehemente de paixão

Digitized by Google

E, se busco abrazar-me n'esse fogo,
Sentir que se transforma em neve logo
A chamma que te envolve o coração!

RUINAS

Desespero eterno!
Oh! basta d'este inferno!
Esplenda o firmamento!

G. CRESPO.

I

Dizem os goivos segredos
ás donzellas desmaiadas,
ao romper das alvoradas,
entre os lethaes arvoredos.

Digitized by Google

Canta o mar entre os rochedos
umas trovas, inspiradas
pelas noites constelladas,
cheias de luz e folguedos.

Canta o rouxinol, saudoso,
em noites bellas, serenas,
o seu amor venturoso.

Eu, só canto as minhas penas,
n'este Calvario, sequioso
do pranto das Magdalenas.

II

Ando a fazer um rozario
das bagas d'este meu pranto!
Se eu tenho chorado tanto
p'ra subir o meu Calvario!

Tive out'ora um santuario
d'esse teu olhar no encanto;
hoje tenho a dôr por manto
e teu desdem por sacrario.

Digitized by Google

Se ergo os olhos, deslumbrado,
da ventura ao claro dia,
logo os baixo, angustido!

Esta vida é enxovia,
onde estou encarcerado
n'uma perpetua agonia.

III

Passam entre as violetas,
doidas como as esperanças,
alegres como as creanças,
insconstantes borboletas.

Folgam, voam inquietas,
ébrias de luz e bonanças
e vão-te poisar nas tranças
soltas, luzentes e pretas.

Só os meus cantos de morte
não chegam a teus ouvidos
a contar-te a minha sorte!

Não escutas meus gemidos,
ó adoravel consorte
dos astros indefinidos!

Digitized by Google

IV

Heide guardar entre os lirios,
entre as humildes verbenas
e contar ás açucenas
estes meus tristes delirios.

Não ha no mundo martyrios,
nem nas profundas gehenas
tão fundas, tão duras penas,
nem tão loucos desvarios.

Teem crenças arreigadas,
a sua alma e os seus amores
as corollas perfumadas.

Talvez no seio das flores
encontre almas devotadas
que partilhem minhas dôres.

Digitized by Google

V

Em noites de lua cheia
andam pelo ceu dispersas
as minhas maguas submersas
no Azul que ella pratea.

Debalde minh'alma ancea!
As minhas crenças diversas
n'essas estrellas immersas
o soffrimento incendea.

Quando der á terra fria
este meu corpo—a miseria
terminará e a agonia?

Ou a morte deleteria,
na humida valla sombria
fará soffrer a materia?

Digitized by Google

PALAVRAS NA SOMBRA

Ai! a luz dos teus olhares
E' anemica, doente,
Enche as almas de pesares
E faz muito mal á gente.

Os teus olhos não tem brilhos;
Serenos lagos sem fim,
Fazem lembrar dois vidrilhos,
Engastados em marfim.

Porque esse teu rosto oval,
Scismador, indefinido,
Tem a brancura ideal
D'um Santo Christo benzido.

A tua voz maviosa
Já não oscila pelo ar,
Scintillante e caprichosa,
Acompanhando Mozart.

Digitized by Google

Agora murmura a medo
Um cicio incomprehensivel,
Mais profundo que um segredo,
Mais negro que um impossivel.

E a tua mão, — um encanto! —
Quando poisa no teclado,
Faz chorar amargo pranto
Ao teu piano doirado.

Vês Offenbach e Lecocq
Poisados na larga estante,
Sem que a tua mão lhes toque,
Como outr'ora a todo o instante.

E os teus desenhos, coitados!
Andam dispersos no chão,
Acompanhando os bordados
E o bastidor e o crayon.

—Ai! ó dôce Leonor,
Quem te faz assim soffrer?
Quem te transformou, ó flôr,
Que eu vi contente viver,

Em goivo triste de morte,
Sem nervosismo, sem luz?
—Foi a lei cruel da sorte
Que ora esmaga, ora seduz.

Digitized by Google

CHORA!

Ai! chora mais. O pranto amargurado
Que inunda as faces da miseria, Helena,
Se é um balsamo á dôr que nos condemna,
E' tambem por um Deus abençoado.

Que importa a culpa a quem não é culpado,
Se logo após do crime segue a pena;
Se o remorso terrivel envenena
As illusões fataes d'um condemnado?

São perolas de luz que estás lançando
Dos teus olhos cançados e brilhantes
Pelo chôro de dôr que estás chorando!

Chora! — D'além, das regiões distantes,
Essas bagas um anjo está guardando
Para fazer estrellas scintillantes.

Digitized by Google

A' GLORIOSA ACTRIZ

D. EMILIA DAS NEVES

O' devotada actriz! possues prodigamente
Do bello a concepção e d'Arte as crenças fieis,
Por isso ouves bramir o enthusiasmo ardente
E vês chover aos pés as c'roas dos laureis.

O' devotada actriz! teu nome deslumbrante
Passará do futuro ás fortes gerações,
Levando por cortejo o sequito brilhante,
Numeroso e febril das tuas ovações.

Levanta, artista! o olhar aos páramos da gloria,
Aonde esplende o Sol que a todos nos seduz,

Digitized by Google

Verás teu nome escripto, ó immortal victoria!
Sobre um fundo d'azul em lettras d'oiro e luz.

E' escabrosa a senda a percorrer, artista!
Mas entre os espinhaes brota robusta a flor.
Que importa trabalhar se o trabalho conquista
Saude, vida, fama, honra, virtude e amor?

Eu venho aqui tambem saudar-te, a vez primeira,
Da scena portugueza, ó grande luminar!
Se é pobre a saudação, est'alma é verdadeira
E vem rojar seu culto aos pés do teu altar.

Porto, 9 de dezembro de 1880.

Digitized by Google

A GRATIDÃO DO ACTOR

POESIA ESCRIPTA EXPRESSAMENTE PARA SER RECITADA PELO ACTOR IMITADOR-TRINDADE EM NOITES DE SEU BENEFICIO

Eu nasci n'um berço d'oiro;
Fui crescendo entre flôres,
Abri na infancia o thesoiro
De puros, castos amores.
Inda abracei minha mãe,
Sei a campa onde ella móra...
A minha alma ainda a chóra,
Mas debalde o pranto cae!

Eu passo uma vida errante,
Pobre, abandonado e só;
Não tenho affectos d'amante,
Meu pae e mãe já são pó.
Meu pae, meu unico amigo,

Digitized by Google

Que me disse, á despedida:
—O' meu filho, anda commigo,
Temo deixar-te na vida!—
Pobre velho, adivinhava
A noite do meu porvir;
Eu escutava-o e chorava...
Morreu! Não o torno a ouvir!
Tenho ido, já muitas vezes,
Ao seu tumulo, aos *Prazeres*,
Quando do mundo os revezes
Me teem mostrado os soffreres,
Lancinantes e pungentes
Da sorte que me consome,
Dizer-lhe: — Querido pae,
O teu filho morre á fome!
E tu, na campa, não sentes
Que elle morra sem ter pão?...
P'ra toda a parte que vae
Nunca encontra protecção...
Vale ainda ao filho teu!
Vale á minha desventura! —
Responde-me o mausoleu:
—P'ra ti finou-se o ventura! —

Por todos despresado, arrasto pobremente
Este sudario enorme: — A minha vida escura;
Curvo a joven fronte ao pezo permanente
Da irresistivel mão da negra desventura.

Digitized by Google

Sou mais do que infeliz! A voz — beneficencia,—
Eu vejo levantar em prol d'infortunados,
Que teem na lauta meza as sóbras de opulencia
E no proscenio augusto os louros festejados!

Mas vou luctando sempre e sempre confiado
Na bondade suprema, essa bondade infinda,
Que eu pude conseguir d'um publico illustrado,
Que me tem protegido e me protege ainda.

Eu sinto-me orgulhoso ouvindo os vossos bravos,
Escutando o bater das espontaneas palmas;
E' linitivo ethereo, aos meus dias escravos,
O fogo salutar que sae das vossas almas.

Sou desgraçado artista e venho respeitoso
Dizer que tenho, aqui, um coração ardente,
Que sempre lembrará o acolhimento honroso,
Que de vós recebi, ó caridosa gente;

Digitized by Google

DO INTERMEZZO

DE HENRI HEINE

A MEU PRIMO JOAQUIM JOSÉ PIRES

PRELUDIO

Das grandes tilias respirava o aroma,
Vagando errante na floresta densa;
Da lua os raios, que no Azul assoma,
Meu peito enchiam d'uma ignota crença.

Digitized by Google

Eu divagava, quando ouvi distante
Soltar a voz um magistral cantor;
Eram suspiros d'um trahido amante,
Eram saudades d'um passado amor.

O' rouxinol! teu mavioso canto
Tem mil queixumes, tem prazer, receios...
Accordam sonhos, que esqueceu ha tanto
Meu coração, teus divinaes gorgeios.

Eu divagava e uma clareira occulta
Se deparou em meu incerto andar;
No centro d'ella d'um castello avulta
A architectura que seduz o olhar.

Tinha as janellas e os portões fechados,
Lugubre o aspecto secular e forte;
Julguei, ao vêl-o, entre tiliaes cerrados,
Que era o castello a habitação da morte.

Em frente d'elle, d'uma sphinge o aspeito,
Fero, attrahente, seduziu-me então,
Com sua fronte de mulher e o peito,
Com suas garras de feroz leão.

Que formosura! Seu olhar chamava
As volupias d'um amor siderio;
Na sua bôcca um sorriso arcava,
Cheio de vida, tentação, mysterio.

Digitized by Google

O rouxinol trinava dôcemente
E então collei meu labio aos labios d'ella!
Suspenso eu fui n'aquelle beijo ardente
Como é no céu tambem suspensa a estrella.

A bella sphinge ergueu-se enlanguescida,
— A pedra suspirava com ardor! —
Ella sorveu n'aquelle beijo a vida
E toda a seiva d'esse extranho amor.

Quasi aspirou o meu extremo alento!
Depois cravou as garras n'este peito
E rasgava-lhe as fibras lento e lento
Com a luxuria de o tornar desfeito!

Dôce martyrio e cruciante gozo!
Soffrer e amar ao mesmo tempo, emfim!
Ter nos meus braços quem me faz ditoso
Quem me alanceia e me tortura assim!

Do rouxinol então a voz murmura:
— O' tentadora sphinge, ó louco amor!
Porque misturas sempre na ventura
O soffrimento cruel d'acerba dôr?

Digitized by Google

I

Este amor brotou em flôres
No meu terno coração;
Tinha o céu mais vivas côres,
Era mais fulgido então.
Era em Maio. Delirantes
Os passaros pipilavam
E das arvores brotavam
As vergonteas verdejantes,
Quando eu fui aos pés da bella
Jurar no mundo ser d'ella
O mais fiel dos amantes.

II

Convertem-se as minhas lagrimas
N'um *bouquet* de lindas flôres;
Os meus suspiros convertem-se,
Traduzindo os meus amores,
Em cantos d'um rouxinol!
E se tu, creança! escutas
Meus protestos, meus anhelos,
Prende as flôres do meu pranto

Digitized by Google

A' trança dos teus cabellos,
E, quando não brilhe o sol,
Attende o cantar magoado,
Que, em frente á tua janella,
Soltarão os meus suspiros
Pela garganta tão bella
Do mavioso rouxinol!

III

As rosas e os lirios, as pombas e os astros
Outr'ora embalaram meus sonhos amantes;
Mas hoje não vejo no céu e na terra
Senão o fulgôr d'esses olhos brilhantes.

Tu és a florinha mimosa do monte,
A fada que espalha, gentil, caprichosa,
Em torno de si os mimosos encantos
Dos astros, da pomba, do lirio e da rosa.

IV

As minhas magoas esqueço,
Quando vejo esses teus olhos,
Minha flôr!

Digitized by Google

E quando beijo de leve
A tua bôcca de neve,
Ai, amor!

Sinto um conforto tamanho
N'este meu peito exaurido
Que até creio
Morreria de ventura,
Se tivesse muita dura
Tanto enleio!

Quando no teu seio occulto
A minha fronte abrasada,
Ai, meu Deus!
E' tamanha essa alegria,
Que se faz além o dia,
Lá nos céus!

E se tu me dizes, bella!
— Amo-te! — meu triste pranto
Vês correr!
E' porque ás vezes choramos,
Junto áquella que adoramos,
De prazer!

Digitized by Google

V

Encosta a tua á minha face, ó anjo!
Que nosso pranto se confunda assim;
Esse teu peito contra o meu comprime,
E que os abrase a mesma chamma emfim.

E quando nossas lagrimas tombarem
No vasto incendio que ateou o amor,
Quando o meu braço te estreitar nervoso
Eu morrerei de venturosa dôr.

VI

Heide guardar a minh'alma
No calix d'um lirio branco,
Já quando da morte o arranco
Meu corpo immobilisar;
Depois o lirio formoso
Suspirará delirante
Uma canção para a amante
Do meu ingenuo trovar.

Digitized by Google

A canção será tão terna
Como o cicio da brisa
Que brandamente deslisa
Por entre os rosaes em flôr,
Tremerá tão meigamente
Como os seus labios tremiam
Quando os meus os comprimiam
Em dôces beijos d'amor.

VII

Na amplidão azul do espaço
Cruzam-se as brancas estrellas
Com fulgor;
Olham-se, fitam-se, ás vezes,
Com uma infinda tristeza,
Com um dolorido amor!

Fallam uma linguagem bella
Que compreender só póde
Quem amar;
Eu entendo essa linguagem!
Aprendi-a na grammatica
Que me ensinou teu olhar.

Digitized by Google

VIII

O' minha dôce amada, ás solidões do Ganges
Eu quero transportar-te n'aza do meu canto;
Eu sei que lá existe um eden deleitoso
Como não ha na terra outro maior d'encanto.

Aguarda-te um jardim que é sempre illuminado
Pelos raios febris do pallido luar;
As flôres do lodão esperam-te anciosas
E erguem por ti ao céu o humedecido olhar.

Grandes lirios azues, dispersos entre flôres
Olham no céu, fulgindo, as magicas estrellas
E rosas e jasmins combinam, segredando,
Como hão de receber-te, ó bella entre as mais bellas!

A timida gazella aproxima-se e escuta,
Saltando de feliz, se julga ouvir-te a voz;
Quasi juncto a seus pés vão marulhando as aguas
Do Ganges que lá vae, buscando a larga foz.

Vamos, ó meu amor, á sombra das palmeiras,
Descançados dormir um somno côr de rosa;
Temos na branda relva um thóro perfumado,
Na lua a confidente eterna, silenciosa.

.....

Digitized by Google

XLV

Damas e cavalheiros discutiam,
Junto da meza onde tomavam chá,
As commoções do amor;
Elles da esthetica no campo insano,
Ellas dizendo-o um sentimento unico,
Puro, consolador.

O magro conselheiro disse, rindo:
—Devia ser o amor casto, ideal,
Como o sonhou Platão.—
Sorri a conselheira, tranquilla
E entretanto suspira muito baixo
Um — ai! — do coração.

O conego entreabriu a larga bôcca
Para dizer: — O amor, quando sensual,
Mata-nos, já se vê. —
Uma joven donzella, enlanguescida,
Interrogou com modos de innocente:
— Mas, conego! porquê? —

A condessa exclamou com voz serena:
— O amor é para mim uma paixão
E sempre assim será.—

Digitized by Google

Depois offereceu polidamente
Ao callado barão que era a seu lado
Uma taça de chá.

Era um logar vasio junto á meza;
Faltavas tu ahi, ó doce amor
D'este meu coração!
Se tu lá estivesses, certamente
Darias sobre o amor, tambem, eu penso,
A tua opinião.

1881.

Digitized by Google

ONTEM Á NOITE

DE VICTOR HUGO

A LUIZ BOTELHO

Trazia-nos a brisa embalsamada e pura
A fragrancia da flôr que se espreguiça ao luar,
Cantava o rouxinol na sombria espessura,
Pedia a primavera a tua formosura,
Fulgia a lua, crê, menos que teu olhar!
Eu era então feliz! N'esse momento, Estella,
Em ti eu adorei a imagem do Senhor,
Vendo a noite serena e vendo-te tão bella
Eu disse aos astros mil: — Tombae o ceu sobre ella!
E disse aos olhos teus: — O' soes! dae-nos amor! —

1880.

Digitized by Google

O POETA MORIBUNDO

DE LAMARTINE

A MEU PRIMO ANTONIO GOMES DOS SANTOS JUNIOR

Sinto o sepulchro abrir-se e estou cheio de vida!
Em cada halito meu vae uma hora perdida;
Caminho para o abysmo e não posso parar!
A aza da morte impelle o bronze que me chóra,
Ouço-lhe já os sons, chegou-me tambem a hora,
E' preciso cantar.

Cantarei com fervor, tenho os dedos na lyra;
A morte inspira o cysne, a morte é quem me inspira
Ao partir para sempre, ao buscar novos ceus.

Digitized by Google

E' presagio feliz esta minha alegria,
Minha alma não é mais do que amor e harmonia,
Um canto é seu adeus.

A lyra que se quebra espalha um som divino;
A lampada que morre arqueja um raio fino,
E brilha como nunca antes de se apagar.
O cysne canta só, quando o bafeja a morte;
O homem lamenta a vida, o homem é menos forte
E succumbe a chorar.

A saudade do mundo é quem lhe traz o chôro.
—Vale a pena cazar a minha voz ao côro
Que deplora perder os gozos mundanaes?
— Ai! não vale, decerto. O tumulo é rizonho;
Trabalho, raiva, fel, de quando em quando um sonho,
A vida... e nada mais.

O homem teme deixar este mundo de enganos,
Prende-se á vida com a furia dos insanos,
Com tyrannia vil de nojento grilhão!
Eu vejo alegre a morte e vou de fronte erguida,
Lançar o corpo meu á eterna guarida,
A' terra, á podridão.

O poeta é similhante ás aves de passagem
Que não construem nunca os ninhos sobre a margem,
Que atiram para o ceu a dulcissima voz,

Digitized by Google

Que se espreguiçam no ar, o seu leito jucundo,
Que vão passando além, atravessando o mundo
N'um adejar veloz.

Mão nenhuma jámais sobre a corda sonóra
De minha alma imperou, alma que ri e chóra;
Nada o homem ensinou á natura fiel.
O regato aprendeu a arrastar a corrente?
A aguia a tocar o ceu n'um vôo independente?
A abelha a compôr mel?

A humanidade eleva a Deus festivo canto,
Ou deixa derramar com abundancia o pranto;
O'lha com chôro a morte e com riso o hymneu,
O seu peito é crysol de alegrias e dôres,
A tudo presta um culto, aos espinhos, ás flôres,
A' terra, ao mar, ao ceu.

E' como em noite escura o vento que suspira,
Os gemidos cazando á terna, aquaria lyra,
Compondo um hymno assim medonho e festival.
Eu, alegre viajôr, suspendo os largos passos.
Sem conseguir saber, d'onde vem os compassos
Do duo original.

Dedilhada tem sido a minha lyra ardente
Nas horas de infortunio, e sempre alegremente,
Embriaga-me a dôr o forte coração.

Digitized by Google

Do pampano golpeado o reçumbrar deslisa,
O balsamo floresce aos pés de quem o pisa,
Beija o escravo o grilhão.

D'um bafo ardente, Deus edificou minh'alma,
Tudo quanto ella sente, ou desconsolo ou calma.
Dom fatal! Tudo deixa a existencia por fim!
Tudo que me rodeia em pó se torna, um dia!
O viver é loucura, uma densa utopia,
Ao menos para mim.

Tudo acaba, Senhor! — A gloria não. — Que importa
O ecco que este seculo ao vindouro transporta,
Uma illusão brilhante, atirada ao porvir?
Vós, a quem, no futuro, ella prometteu nome,
Escutae o meu canto e o ardor que vos consome,
Tremendo ha de fugir!

Dar á morte desculpa, — uma illusão — concordo,
Mas julgar que o porvir levará a seu bórdo
E repetirá sempre o nome de um heroe!...
E' insigne loucura o confiar na gloria!
A inveja esmaga aos pés as paginas da historia,
Reputações destroe!

O homem só, na vaidade, atira-se á loucura,
Indifferente ao dever, á vida nobre e pura,
Incapaz do trabalho, um criminoso, um vil!

Digitized by Google

Cega-o o fatuo brilhar de luminosa fama,
Busca n'alma um affecto e a alma, chorando exclama:
— Vae longe o meu abril!

Lanço o meu nome á gloria, á sua onda sem praias,
Atiro o meu orgulho ao céu que não tem raias,
Serei maior depois? — Porque? — Quero-o saber?
A aguia que vôa até ás vastidões celestes
Extenuada cae, nos monturos terrestes,
Para não mais se erguer.

Porque é que eu canto assim? — Perguntae á calhandra
Porque a canóra voz espalha pela gandra,
Em canto festival que lhe cria rivaes!
Eu canto sem querer, como o homem respira,
Como o infante sorri, como o vento suspira
Na harpa dos pinheiraes.

Amar, orar, cantar: eis toda a minha vida.
Tenho a consciencia pura, ando de fronte erguida,
Não receio morrer, amo e não temo Deus.
No coração ergui um templo ás suas crenças,
Adora-o minha Mãe, eu vou com as sentenças
De antepassados meus.

Ver da belleza aos pés carpir a amorosa lyra,
Dizer em cada som tudo quanto ella inspira,
Quanto sente nossa alma a transbordar de amor;

Digitized by Google

Sorver no seio o pranto ao anjo que se adora
Como o sol matutino as lagrimas da aurora
Sorve da côma á flôr;

Ver o modesto olhar da virgem innocente
Voltar-se para o céu, turbado tristemente,
Querendo-nos fugir no derradeiro som;
Depois vel-o cahir, cheio de casta chamma,
Que a mente nos endoida e o peito nos inflamma
No fogo da paixão;

Ver passar-lhe na fronte uma côr incendida,
A palavra faltar-lhe á bocca comprimida,
Do seu longo silencio ouvir emfim dizer
A palavra de Deus,—palavra não lhe chamo,—
Um Evangelho d'amor, resumido n'um—Amo!—
E' mais do que viver!

Um suspiro! um pezar! escuro e negro véu!
Sob as azas da morte e minha alma vae ao céu;
Eu vou com seu instincto ajoelhar ante Deus.
Vou onde meu olhar vê brilhar a esperança,
Ao céu que imaginei nos tempos de creança,
Nos breves sonhos meus.

Como a ave que vê na escuridão sombria,
A fé, esse olho d'alma, é e foi o meu guia;
Seu prophetico instincto entreabriu-me o porvir.

Digitized by Google

Quantas vezes, Senhor, presentimento enorme
Mostrou-me do futuro o barranco disforme
Onde eu ia cair!

Não escrevaes meu nome em tumular moimento,
Deixae que o mundo esqueça a quem nem um momento
Em vida abandonou as crenças de Jesus.
Dae-me um pequeno espaço, á beira-mar situado,
Onde eu possa dormir um somno descançado,
Velado pela cruz.

Quebrae, lançae ao mar, aos ventos, ás procellas
A minha pobre lyra e dizei ás estrellas
Que ella já não tem sons que lhes possa offertar
Como tudo morreu! Seus ultimos harpejos
Foram hymnos d'amor, constellações de beijos,
Expirou a cantar!

Digitized by Google

REVISTA NOCTURNA

DO BARÃO ZEDLITZ, POETA DA AUSTRIA

A ANTONIO DA CUNHA

E' meia noite batida
sae do tumulo o tambor,
o cemiterio percorre,
rufando com garbo e ardor.

Com seus braços descarnados
agita as duas baquetas,
convida os mortos á lucta,
torna as campas inquietas.

Aquelle som de batalha,
esse rufar do tambor,
faz erguer muitos cadaveres
cheios d'extranhos vigor.

Digitized by Google

E os que jazem pelo Norte,
sob os gelos da Siberia,
e os que ao Sul estão sepultos,
pelas montanhas da Iberia ;

Os que dormem nos desertos
ou do Nilo no regaço,
levantam-se dos sepulchros
com a arma posta no braço.

*
* *

E' meia noite batida,
um espectro deixa a tumba,
sopra ao clarim de guerra,
até que o ecco retumba.

E nos seus corceis ligeiros
accodem os esquadrões,
armados de mil maneiras,
couraceiros e dragões.

E, por debaixo dos elmos,
rangem, baixinho, as caveiras ;
aquellas mãos descarnadas
empunham sabres, bandeiras.

Digitized by Google

*
* *

E' meia noite batida,
sae o general da tumba,
o sólo, com a carreira
do seu sequito, retumba.

Leva um chapeusito negro
e o capote gris, manchado,
na larga bainha a espada
pende-lhe, presa d'um lado.

Com seu brilho macilento
illumina á terra a lua
e o general affamado
óra avança, óra recúa.

Uma rouca voz de mando
faz mover a estranha fila,
brilham as armas e os sabres
e essa multidão desfila.

De redor do commandante
agrupam-se os generaes
e, em voz baixa, discutindo,
vão as ordens marciaes.

Digitized by Google

A palavra mysteriosa
que promove aquella scena:
—«França!»—é só e são a senha
estas duas:—«Santa Helena!»—

E' a parada a que assiste,
á meia noite batida,
o imperador Bonaparte,
cheio d'uma extranha vida.

Novembro de 1882.

NA MORTE DA RAINHA MERCEDES

DE CAMPOAMOR

Foi um sonho d'amor á sua triste historia!
Nasceu e foi amada e candorosa e bella;
Amou, reinou, morreu; abriu-se a eterna gloria;
Entrou e o ceu cerrou-se após a entrada d'ella.

1881

Digitized by Google

AS TRES DONZELLAS

DE LUDWIG UHLAND, POETA DO WURTEMBERG

A MEU PRIMO JULIO GOMES DOS SANTOS

I

D'ameia d'um castello tres donzellas
A vista estendem pelo val formoso;
Montado vem seu pae, se acerca d'ellas,
Luzente arnez lhe cinge o corpo airoso.

Digitized by Google

—Nosso pae e senhor, bem vindo seja!
Que traz a suas filhas?
Judiciosas fomos qual deseja.

—O' filha, que usas sempre saia escura,
Ausente, em ti pensei. Sei que te é grato
Ver brilhar sobre a tua formosura
Custosas joias de garboso ornato.
Do peito arrebatei d'um cavalleiro
Esta cadeia d'oiro
E em paga dei-lhe a morte, traiçoeiro.

Pegou na joia aquella filha querida
E com ella enfeitou o cóllo branco;
Correu, depois, feroz, espavorida
E encontrou o cadaver n'um barranco.
— Insepulto inda estás como um malvado
E eras um cavalleiro!
Em vida eu te chamei meu bem amado.

Entre seus braços o levou piedosa
Juncto da egreja do logar visinho
E o sepultou na tumba, lacrimosa.
Com desvellado e maternal carinho,
Contra o peito o estreitou com ancia forte
E ali morreu, chorando,
Fiel ao seu amor, até na morte.

Digitized by Google

II

D'um castello feudal duas donzellas
A vista estendem pelo val formoso;
Montado vem seu pae, se acerca d'ellas,
Luzente arnez lhe cinge o corpo airoso.
—Nosso pae e senhor, bem vindo seja!
Que traz a suas filhas?
Judiciosas fomos qual deseja.

—O' filha que usas sempre verde saia,
Ausente, em ti pensei. Tua alegria,
Fortalece-se mais, nunca desmaia
Ao ver bem povoada a selva umbría.
Arrebatei do bando d'um monteiro
Este gordo veado
E em paga dei-lhe a morte, traiçoeiro.

Das mãos do amigo pae toma a donzella
O veado e o segura altiva e forte;
Corre depois ao monte a anciosa, a bella,
Chorando o seu amor! Ai, dôr! ai, morte!
Das tilias, resguardada á fresca sombra,
Entre seus cães robustos,
Fallou ao amante, morto sobre a alfombra:

Digitized by Google

—Junto á tilia que o nosso amor conhece
Eu espero por ti, meu bem amado,
Mas ai! que sonho a mente me enlouquece,
Tu estás para sempre inanimado!
Morta caiu e as brisas sonorosas
Sobre aquelles amantes
Lançam aromas e desfolham rosas.

III

D'ameia d'um castello uma donzella
A vista estende pelo val formoso,
Montado vem seu pae, se acerca d'ella,
Luzente arnez lhe cinge o corpo airoso.
—Meu pae e meu senhor, bem vindo seja!
Que traz a sua filha?
Judiciosa fui como deseja.

—O' filha que usas sempre saia branca,
Ausente, em ti pensei. Amas as flôres
E mais te agrada uma corola franca
Que de custosas joias os fulgores.
Tirei a um atrevido jardineiro
A flôr que aqui te trago
E em paga dei-lhe a morte, traiçoeiro.

—Meu pae, que tyrannia, que maldade,
Traiçoeiro o arrastou a dar-lhe a morte?
Cuidar das flôres n'essa soledade,
Foi desde a infancia a sua honesta sorte.

Digitized by Google

—Quiz recusar-me com palavra ousada
A flôr de mais valia
Que destinava ao peito d'uã amada.

Pegou na flôr a filha candorosa,
Ornou com ella seu virginio seio,
E desceu ao jardim, onde ditosa
Sonhára amor em delicado enleio.
Havia no jardim uma collina,
Coberta d'açucenas,
Sentada, alli, o rosto ao chão inclina.

—Ditosa se podesse o somno eterno,
Como minhas irmãs, dormir na morte;
Sou condemnada á vida, a este inferno,
Persegue-me uma algoz e horrivel sorte!
Pallida olhou depois a flôr singela,
Ia murchando aos poucos...
Quando se desfolhou, morreu com ella.

Novembro de 1882.

Digitized by Google

NO EXILIO

DE VICTOR HUGO

EXCERTOS

A MEU TIO O SNR. MANOEL GOMES DOS SANTOS

I

Levanta sobranceira esses teus olhos pulchros;
Ceifadora gentil que atulhas os sepulchros,
Abre as gelidas mãos, toma este livro — é teu.
Meu coração ditou-o, minha alma o escreveu.
O espectro elle contém da minha larga vida,
A minha fresca aurora em prantos dissolvida,
A sombra e o seu horror, a rosa e o seu pistillo.

Digitized by Google

Este livro de dôr para que serve o abril-o?
P'ra que illumina o raio a tempestade, a bruma?
Ha quatro annos habito um turbilhão de escuma
E este livro compuz. Deus notava e escrevia
Eu esta epopeia.—Vae, dizia o esp'rito. Eu ia.
E quando a terminei, quando esta obra querida
Entrou de palpitar, de dar signaes de vida,
Uma egreja aldeã, que fresca hera enverdece
E em cuja torre o bronze attrae fieis á prece,
Disse:—Findaste o canto e eu quero-o, meu poeta!
—Eu reclamo-o, exclamou a floresta inquieta.
A pradaria em flôr balbuciou:—E' meu!
O mar, vendo-o bramir, pediu-me:—Pelo céu!
Eu quero no meu seio essa enorme procella.
—Pertence-me, Senhor! bradou do céu a estrella.
—Dae-m'o! o vento gritou na vasta immensidade.
O rouxinol chorou:—Vaes á humanidade
Teu canto offerecer que o coração me abraza!
Oh! deixa-m'o levar, suspenso em debil aza!

Ao rouxinol não dei o meu canto inspirado,
Nem o atirei do mar ao seio revoltado,
Que estrebucha e agonisa em convulsões já velhas;
Não o dei á floresta em que adejam abelhas,
Nem o lancei da egreja ao recinto sagrado;
Ao astro não o dei e não o dei ao prado,
Nem o levou o vento ás regiões do norte:
Meu canto offereci-o á implacavel morte.

Digitized by Google

II

Quando setembro out'rora em lagrimas voltava,
Abandonando tudo, a sós eu caminhava,
Fugindo de Pariz á turbulenta orgia;
Caminhando era então sombra que se movia,
Automato sem ver, sem reflectir, fallar,
Sem procurar sequer um destino, um logar.
Não podia dizer: — Eu soffro cruelmente!
D'um abysmo a attracção tornava-me inconsciente!
Seguia sempre além, cabisbaixo, mesquinho,
Topava sem querer o fim ao meu caminho!...
Saudades do passado! ó desfolhadas rosas!
Entretanto que a mãe e as irmãs carinhosas
Pranteavam em casa, eu buscava a jazida
Da filha que eu beijei, da filha estremecida.
Eu ia ao cemiterio, onde ella descançava,
Descoberto, solemne e minh'alma chorava...
Que lagrimas crueis ella chorado tem!
Murmurava o arvoredo: — E' o seu pae que vem!
Estendia-me a sarça as folhas resequidas
E eu andava, por entre as cruzes denegridas,
Balbuciando, crente, uma extranha oração.
Ajoelhava depois n'aquella solidão,

Digitized by Google

Sobre uma pedra branca, entre fresca verdura.
Que letargo era o teu, ó minha filha pura,
Que não deixava ouvir-te a minha voz, chamando?

Passava o pescador as redes arrastando
E dizia:—Meu Deus, como elle está soffrendo!
No entretanto a tarde e a noite iam correndo
E Venus, que por mim tinha outr'ora brilhado,
Toda desparecia e eu sempre ajoelhado
Sobre a campa onde jaz a minha filha pura.
Eu deixava rolar n'aquella sepultura,
Que guardava no seio o anjo mais perfeito,
Todo o meu coração em lagrimas desfeito.
Desfolhava-lhe então folhas da clematite
E lembrava-me o tempo em que, creança, vi-te
Colheres para mim os lyrios e os jasmins,
O' filha que adorei! anjo entre cherubins!
Lá ficava depois, immovel, em mudez
E por momentos, Deus, divisava, atravez
Da pedra tumular, um como raio d'alma!
Ao menos tinha alli do soffrimento a calma,
Juncto da filha minha em os tempos d'outr'ora,
Fallava a sós com ella e era feliz; agora
Ai!... O' flumen! ó bosque! ó azul constellado,
Sabe, não é assim? que não sou o culpado
De ha quatro annos, ó dôr! não derramar meu pranto
N'aquella pedra fria a que eu amava tanto.

Digitized by Google

III

As noites de luar cheias de luz e calma,
O marmore que esconde a filha da minh'alma,
Se acaso d'ella ainda alguma cousa existe,
Esse longo caminho em que eu passava triste,
Os teixos sepulchraes do vasto cemiterio,
O silencio da morte, as horas de mysterio
Davam-me da saudade a suprema ventura.

Filha, que fazes tu na fria sepultura?
Sentes pulsar a arteria? Ainda ris e choras?
Que relogio de sombra ahi te marca as horas?
A tua fronte meiga, o teu olhar, ó bella,
Tem assomado já á sombria janella
Do infinito, procurando, entre as tumbas esguias,
Reconhecer um rosto amigo a quem sorrias?
Lembras-te inda da vida, um mar de falsos gosos?
Tens escutado já os passos vagarosos
D'alguem que vá entrando o limiar da morte?
Tens quem na tua dôr as maguas te conforte?
Pódes inda estreitar ao frio coração

Digitized by Google

O rosto glacial de teu gentil irmão?
Tens-lhe dito, baixinho, á hora em que se esvae
A ardentia do sol:—O nosso velho pae
Esqueceu-se de nós, talvez não volte mais?—

O amor de vosso pae nem vós o imaginaes!

Quantas vezes eu colho, em noites de tormento,
Lirios no meu jardim, lirios no pensamento,
Quantas vezes eu colho a balsamina em flor!
Quantas vezes procuro a volta do vapor,
Dizendo:—Amanhã parto! e, louco, phantasio
Um vento bonançoso impellindo o navio!
Depois pensando um pouco eu digo:—Que loucura!
E a estrella da illusão some-se em noite escura.
Ai, filha, só Deus sabe a pungente saudade
De quem deixou na patria a familia e a amisade,
A campa de seus paes e o berço de seus filhos
E, sob extranho sol, vem por extranhos trilhos
Arrastar do desterro a insuportavel cruz!

Lazaro abriu o olhar quando o chamou Jesus;
Porque não me olhas tu quando te chamo tanto?
Será crime pedir, por entre amargo pranto
Um pae consolo á filha? Ai, seja-o muito embora!
Abre-me os olhos teus, desvenda-me essa aurora!

Digitized by Google

IV

Que este meu livro vá, mensageiro ditoso,
Murmurio ao teu silencio, — insolito repouso, —
Suspiro magoado e lagrima d'amor,
Que entre no teu sepulchro onde jaz o pudor,
A juventude e a crença, os sonhos e a innocencia,
As noites de luar de meiga transparencia,
E o coração d'um pae estremecido e amante.
Que seja a voz da esp'rança um hymno triumphante,
Um cantico de morte, o meu sentido « Adeus »,
Um pedaço d'est'alma, a inspiração dos céus.
Que seja n'essa treva a luz consoladora,
A dôce cotovia, a scintillante aurora.

Este meu livro é um bando immenso, que me assombra,
Das pompas da manhã e das aves da sombra,
Um cantico que atiro aos ventos gloriosos
E que leva no seio os meus prantos saudosos.
Confio-o á vastidão, ás nuvens e aos espaços,
Que o Oceano lhe estenda os gigantescos braços,

Digitized by Google

Clemente como o olhar do puro Nazareno ;
Que o embale mansamente a brisa e que sereno
Elle transponha assim o limiar da morte,
Cercado por enorme e dulcida cohorte.

Meu Deus ! traduzirei n'estas linhas sagradas,
N'estas inspirações ao vosso céu roubadas,
N'este canto entoado alegre e tristemente,
Tudo quanto minh'alma agora gosa e sente ;
Registrarei aqui os meus dias passados,
A minha eterna dôr, os meus sonhos amados,
Os ideaes d'outr'ora e toda a minha vida ;
E já que vós quereis prender-me n'este mundo
Que estas inspirações vão á fatal jazida,
Levando a minha filha o meu amor profundo.

1880

Digitized by Google

PERFIS

I

ALEXANDRE BRAGA

Mavioso cantor da natureza,
Quando leio os sentidos versos teus,
Inundam-se-me os olhos de tristeza
E odeio com horror os vis atheus.

E' que sabes sondar toda a grandeza
Que nos occulta a mão fatal de Deus;
E' que trazes á tua sempre preza
Outr'alma que elle guarda lá nos céus.

Digitized by Google

A tua lyra sonorosa e crente
Traduz a magoa immensa que inda sente
Teu peito amante que ninguem define.

Bemdicta a magoa que teu estro inspira!
Quem tem assim uma formosa lyra
E' grande, é immortal, é Lamartine.

II

PEDRO DE LIMA

Ha no seu rosto a pallidez do Christo,
Dentro em seu peito uma saudade infinda!
Amar!... soffrer!... é seu destino ainda
N'este mundo que o pranto lhe tem visto.

A lembrança saudosa d'Eva querida
Que Deus cingíu ao seio immaculado

Digitized by Google

Fez do grande poeta um desgraçado
E um tormento cruel da sua vida.

Não ha consolo que conforte um pae
Se o coração em lagrimas lhe cae
Sobre a campa da filha que morreu.

Deixae chorar o triste, ó venturosos!
Aquelle pranto, em vôos gloriosos,
Transpõe a immensidade e vae ao céu.

III

LEITE DE VASCONCELLOS

Auscultando o silencio dos rochedos,
As tradições sondando do passado,
Ante as ruinas agora extasiado
Invocando seus pávidos segredos;

Digitized by Google

Logo, arrancando á terra os seus mysterios,
Revolvendo-lhe as intimas entranhas,
Ou trepado no cume das montanhas,
Medindo os divinaes campos siderios;

O seu estro feliz nos vae cantando,
Em trovas, muitas vezes inspiradas
Pelos arcanos que anda prescrutando,

Uns idylios de mouras encantadas,
Que vão á beira d'agua suspirando,
Em noites de luar sem alvoradas.

Digitized by Google

FELIZ PASSADO

I

Dorme, Leonor! em paz, a somno solto,
que não irão perturbar teu repouso
As lagrimas do triste.
Ir derramal-as a teus pés não ouzo,
dôce rumor do meu passado! envolto
na densa treva do que não existe.

O' dulcido amarantho!
fallarei do passado?
Que vasta aurora de illuzões e encanto!
como é o céu de estrellas recamado!

Digitized by Google

como se enfeitam os graminios prados!
como recorta o espaço o bando alado
das andorinhas que construem ninhos
nos beiraes dos telhados,
nas ribas dos caminhos!

Lembras-te, Leonor!
quando descia a noite illuminada
pelos raios brilhantes do luar?...
Encontrava-nos sempre, ou abraçados,
ou brincando nas ruas do pomar.
Ai! que saudades, flôr!
conservo n'alma d'esse tempo antigo!
Quando me lembro d'elle inda bemdigo
aquelle nosso amor.

II

Quando teus labios trementes
se collavam aos labios meus,
em dôces beijos ardentes,
(tinham fogo os beijos teus!)

Digitized by Google

da lua os raios banhavam-se
nas aguas puras, dormentes,
do lago do teu jardim,
e as florinhas agitavam-se
com uma luxuria inquieta
e o lyrio, o cravo, o jasmim,
ebrios, febris e nervosos,
diziam á violeta :
— « Como elles são tão ditosos !
quem nos dera amar-te assim ! »

que noites de tanto enleio
eram essas noites d'então !
unia o teu ao meu seio
na embriaguez da paixão !
tinha-te ali, a meu lado,
escutava a tua voz,
e o rouxinol, enlevado,
erguia um canto, vibrado
com tão dôce melodia
e com notas tão sentidas,
que ali ficavamos nós,
horas e horas, perdidas
a beijar-nos, escutando
aquella ignota harmonia !
E sabe Deus até quando
se eu podesse ficaria!

Digitized by Google

As estrellas, lá, na altura,
cruzavam o immenso Azul
e, vendo a nossa ventura,
tinha o seu brilho a brancura
das madrugadas do sul.
Andavam soltos no espaço
a brincar, rindo contentes,
os amores e as phantasias;
tu poisavas no meu braço
com infantis alegrias
tuas faces transparentes!...
Depois dizias:—«Quem sabe...
talvez n'um breve porvir
o nosso amor inda acabe
por um crime!» — Eu a sorrir
beijava-te então a trança
e terminava n'um beijo,
que sempre durava pouco
para o meu e o teu desejo,
essa nuvem passageira.
—Eu era apenas um louco,
tu eras uma creança!—
Ai! sonhos de tanta esp'rança!
como a ventura é ligeira!...

Digitized by Google

III

Hoje se fito as estrellas,
esses mundos deslumbrantes,
lembram-me as noites tão bellas
em que eu era
o mais feliz dos amantes.

Saudades do meu passado!
quem podera
dar a meu peito cançado
as crenças que teve outr'ora!
— O meu peito é já finado
não póde banhal-o a aurora.

1879.

Digitized by Google

SAUDADE

Saudade! gosto amargo d'infelizes.
VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT.

A D. MARIA LUIZA CALDAS

Quem não recorda com saudade immensa
Os dias ledos que passou na infancia,
Sorvendo á rosa a divinal fragancia,
Roubando á aurora a deslumbrante côr?
Quem não recorda, na velhice ainda,
O prado, a veiga, o pinheiral, o monte,
O brando rio, a murmurante fonte
E a velha mãe, nosso primeiro amor?

Digitized by Google

Sou moço, e quando, juncto ao mar, sósinho,
Vago pensando n'um fatal mysterio
Que transformou o meu viver siderio
Em cahos horrivel de paixões sem fim,
Deixar de ver o meu passado alegre
Debalde tento, que a saudade austera
Dentro em meu peito vigorosa impera,
Lembrando tudo que passou por mim.

E' então que sinto singular conforto
Banhar minh'alma n'uma luz serena;
Lembram-me as tardes em que a brisa amena
Beijava a coma dos gentis rosaes,
Os olhos pretos da donzella amada,
A côr do céu, o gorgear das aves,
Os sonhos bons, as illusões suaves
Que um mau destino transmudou em ais.

E vejo ainda a perpassar, sorrindo,
O bando alegre das visões primeiras,
Fugindo, além, nas ideiaes balseiras
Do Infinito, recortando os céus;
E vejo ainda a fulgurar no escuro
A estrella meiga que eu amava tanto
E conto as bagas de ditoso pranto
Que então choravam estes olhos meus.

Digitized by Google

Ai, que saudade que meu peito rasga!
Ai, que saudade que me dá conforto!
Se tenho aqui o coração já morto
Vélas ainda para mim louçã;
Vejo-te sempre juncto a mim, formosa,
Sorrio quando tu estás sorrindo,
Quando tu choras cae-me o pranto infindo,
Vivo comtigo, carinhosa irmã!

Não me abandones, ó saudade querida,
Não me abandones n'este mundo ignaro;
Do teu affecto sequioso, avaro,
Deixa que eu seja n'este mundo só!
Eu tenho n'alma uma descrença enorme,
Na fronte um véu de sepulchral tristeza...
Sê tu a boa e carinhosa alteza
Que dê esmola a este pobre Job.

1878.

Digitized by Google

BEMDICTO PRANTO

A J. ALVES TEIXEIRA

Nas horas tristes em que scismo e penso
No meu primeiro amor, eu que sou crente,
Sinto a queimar na face a chamma ardente
De muito pranto ensanguentado já;
Mas tenho dentro d'alma uma alegria,
Balsamo tão suave e tão amigo,
Que chego a murmurar a sós commigo:
— Se não chorar de mim o que será?

E então eu mólho o labio resequido
Nas lagrimas que inundam o rosto meu
E levanto este olhar agradecido
Até onde tu 'stás, até ao céu.

1879

Digitized by Google

O TEU SILENCIO

O teu silencio, Maria,
Traz-me morto o coração!
Não tenho já alegria,
Nem sonhos, nem illusão!
Passo os meus dias inteiros
Abysmado em funda dôr,
Sem os consolos fagueiros
Da tua voz, meu amor!
Ao menos d'antes ouvia
O teu cantar mavioso,
Cheio de dôce harmonia,
Cheio de vida e de goso;
Agora, ingrata, não cantas,
Sentas-te á porta a scismar
E se eu passo, nem levantas
Para mim o teu olhar!

O teu olhar!... infinito,
Onde eu bebo a inspiração,
O sol eterno e bemdicto,
Que me aquenta o coração!

Digitized by Google

O teu olhar !... até creio
Que teus olhos são estrellas
Que Deus poisou com enleio
Nas tuas faces tão bellas,
Para guiar esta crença
Atravez da escuridão !
Ergue-os, pois á luz immensa,
Nunca os fites mais no chão.

O meu amor é tão puro
Como as Virgens da Escriptura,
Como os sonhos do futuro,
Como a tua formosura,
Como beijo immaculado,
Dado por labios de mãe,
Como, n'um templo sagrado,
A prece que sóbe e vae
Ao throno eterno de Deus !
E' como o sol que allumia
Os mares, a terra e os ceus !
Como o teu rosto, Maria !

Este silencio maldicto
Que comprime os labios teus,
Traz o meu peito afflicto,
Traz mortos os sonhos meus !
Uma palavra, um queixume,
Um suspiro, a maldição !
Tudo, Maria, resume
Para mim a salvação !

Digitized by Google

Uma palavra sómente,
Embora me não conforte!
Que te custa dar a vida
A quem lucta com a morte?

1876.

ECCOS DO TUMULO

Anjo, meu anjo, do sepulchro á margem
Inda teu nome eu invoquei febril,
Pedindo a Deus, ó divinal miragem,
Que te guiasse n'esse mundo vil.

Dentro em meu peito não gelou a morte
Ignea paixão que me enlevou por ti!
Longe de mim te arrebatou a sorte...
Maldicta a hora em que teu rosto vi!

Digitized by Google

Tu eras bella, immaculada, boa,
Balsamo ethereo a cruciante dôr,
Virgem, cingindo immarcescivel c'rôa,
Astro brilhando no meu ceu d'amor.

Tinhas nos labios seducções, encantos,
Nos olhos castos radiações de luz,
Inspiração de meus singelos cantos,
O' Magdalena que me ungia a cruz!

Tinhas no peito enthusiasmos, palmas,
Crenças divinas, commoções d'amor!..
O amor! o amor! que nos prendia as almas,
Em doces laços d'infantil pudor!

Quando nas tardes de formoso estio
O sol baixava ás solidões do mar,
Velando o rosto n'esse veu sombrio,
Que enluta as noites que não tem luar,

Rosea de pejo ouvia então dizeres:
—«Jámais, jámais, te deixarei, meu bem!
«Heide viver, emquanto tu viveres,
«Quando finares, morrerei tambem!

Digitized by Google

Depois em sonhos repetia ainda
Os juramentos d'esse amor fiel,
Doces visões d'uma saudade infinda,
Allivio sancto a meu soffrer cruel.

Agora a louza sepulchral suffoca
Tristes lamentos n'este peito meu!
Em vão minh'alma o teu amor invoca,
— O mundo esquece quem ao pó desceu.

1881.

Digitized by Google

AMOR E MORTE

A SILVA PINTO

I

Leonor, Leonor,
teus labios nacarados
tem philtros venenados
que me embriagam, flor!

Velhos tempos d'amor
trazem-m'os recordados
teus seios redondados
com magico primor.

Digitized by Google

Que sonho delirante
o pensamento vario
na mente me acordara!

Poder ser teu amante!
Eu sou um visionario,
o abysmo nos separa.

II

Se advinhasses, formosa a chamma abrasadora
que sinto no meu seio,
davas-me sem receio
n'um sorriso dos teus a esperança animadora.

Mas não tragas, creança o teu olhar; a aurora
á noite em que eu anceio!..
O meu peito está cheio
das lagrimas crueis que o desengano chora.

Sem nunca te esquecer, minha pomba querida,
eu subirei ditoso
este enorme Calvario,

Digitized by Google

no meu peito amoroso,
erguendo um sanctuario,
onde te adore, ó pura, ó luz da minha vida!

III

Tens na pupila negra, ó divinal creança
epopeias d'amor,
que fazem reviver no meu peito a esperança
d'um futuro melhor.

Quando te vejo a sós, desfeita a longa trança
do teu collo no alvor,
volver-me o teu olhar, cheio de confiança
e de infantil pudor;

não sei que convulsões me agitam docemente!
O' doce Leonor, esta paixão ardente
é phantastica, é vã!

Esquecerei talvez esta loucura intensa,
é para mim agora uma ventura immensa
O seres minha irmã.

Digitized by Google

IV

O' pomba estremecida,
esta paixão ardente
tem-me feito descrente
traz-me a rasão perdida.

O meu peito, querida
não pulsa alegremente.
Tão moço e tão descrente!..
Meu deus, tirae-me a vida.

— A' minha sepultura
irás a desventura
chorar de tanto amor?

Oh! vae, por caridade!
depor-lhe uma saudade,
Leonor, Leonor!

1879.

Digitized by Google

SEGUNDA PARTE

CAMONEANA

Digitized by Google

Digitized by Google

A CAMÕES

Se o mundo inda recorda a nossa fama e gloria
E vê que Portugal existe entre as nações,
E' porque se escreveu nas paginas da Historia
O teu nome immortal, homerico Camões.

O PRANTO DE CAMÕES

AO DR. JOSÉ SIMÕES DIAS

Disse Deus ao poeta : — Canta e soffre,
Que após o soffrimento a gloria existe,
Eu tenho no meu seio um grande cofre,
Onde caem as lagrimas do triste.

Digitized by Google

Obedece o poeta! — Canta e o pranto
Sae-lhe dos olhos em crystaes desfeito,
E vae cair, como um diluvio santo,
No cofre que Deus tem dentro do peito.

Ahi transforma-se em milhões d'estrellas,
Que Deus espalha pelo Azul infindo;
Quanto mais chora o poeta, mais são ellas,
As lagrimas que vão além fulgindo.

Deus! não sei como tens no largo céu
Inda um espaço sem gentis clarões;
Para innundar esse infinito veu
Bastava o pranto que chorou Camões.

Digitized by Google

A VOZ DA CONSCIENCIA

A MANOEL P. P. D'ALMEIDA CARVALHAES

Não dorme a consciencia em mortuario leito
Embora os olhos feche ás brancas alvoradas;
Suffoca a opinião dentro do largo peito,
Como o assassino esconde as mãos ensanguentadas.

Deixa que o tempo estenda o veu — esquecimento
Por sobre as tradições que nunca se consomem,
Mas vae seguindo sempre o grande movimento
Que se opera na vida energica do homem.

Depois ólha o passado, arranca do sepulchro
O que a terra não roe, — as almas dos heroes! —
E espalha-as pelo ceu immaculado e pulchro,
N'um chuveiro nervoso, athletico, de soes!

Digitized by Google

E' pois a consciencia,— a eterna vingadora
De tudo que passou, das santas tradições,—
Quem ha muito escreveu com lettras côr d'aurora,
No livro dos heroes o nome de Camões.

A UMA MORTA

A DIOGO DE MACEDO

Ai, amor! quão ligeira te finaste,
Deixando no meu peito acerba dor!
Alma minha gentil, que te evolaste,
Amor, que se mudou em desamor!

Digitized by Google

Cae para sempre a rosa, se da haste
Não lhe provem nem seiva nem vigor,
Assim a minha vida que levaste
Viver não póde sem o teu amor!

Acurvado a continuo desalento
Passo no mundo agora abandonado
Sem vêr do teu olhar o firmamento

Do ceu onde sobiste immaculado,
Desce até mim um divinal alento:
Dormir o somno eterno inda a teu lado.

Digitized by Google

PORTUGAL E CAMÕES

Á ACADEMIA DE COIMBRA

I

Na mesma campa a lusa patria e o poeta,
Encontraram abrigo á desventura ;
O céu destino egual aos dois decreta,
Dá-lhes o mesmo pranto d'amargura !
Da nossa ruina o collossal propheta
Com a patria tombou na sepultura...
Camões e Portugal, terrivel sorte
Vos fez irmãos na vida, irmãos na morte !

Digitized by Google

II

Camões, grande cantor da lusa fama,
Nas solidões dos indicos palmares
Que suave melodia que derrama
A tua lyra em dulcidos cantares!
Agora eleva um hymno ao nobre Gama
Que ás Indias vae, sulcando novos mares
E logo juncta um gemebundo canto
Da triste Ignez ao magoado pranto.

III

Os sons da tua lyra, desprendidos
Do Ganges sobre a riba, inda resoam,
Ainda vem encher nossos ouvidos
Da harmonia subtil que ali entoam,
Maviosos, febris, indefinidos
Como suspiros que no espaço voam
Em noites de luar, em noites bellas,
Soltados pela voz das philomelas.

Digitized by Google

IV

Camões, na gruta de Macau, sombria,
Tu fizeste immortal a patria querida;
O' rei da inspiração, rei da harmonia,
E a patria ingrata abandonou-te em vida!
Vergonha eterna, eterna villania
Da lusa terra, a extranhos já vendida,
Deixar morrer n'um hospital de fome
Quem deu a Portugal alto renome!

V

Voltaste á patria a receber insultos,
Tu que andaste a gravar co'a penna e a espada,
Entre selvagem povo e povos cultos,
A gloria d'essa patria respeitada,
A quem déste os affectos mais occultos,
A quem déste a ufania sublimada
De ter além da historia enobrecida,
A maior Epopeia conhecida.

Digitized by Google

VI

Mas... silencio! Dobrou já o passado
O negro limiar da Eternidade
E teu nome de ha muito idolatrado
E' hoje repetido com vaidade
Entre os povos do mundo civilisado
Como gloria de toda a humanidade!
Camões, grande Camões, tu és a fama
Da terra de Cabral, de Castro e Gama!

Digitized by Google

A ALMA DE CAMÕES

A MEU TIO, O CONSELHEIRO ANTONIO GOMES DOS SANTOS

I

Eu soffro, eu soffro muito, ó Leonor,
Sem ver brilhar no céu a luz da esp'rança!
Afoga-me este pranto. Vê, creança,
Como inda sou escravo d'este amor.

A noite escura e vil do meu terror
Ai, não tentes sondar!... A morte avança!
Deixa que esta agonia já me cança
E breve findará a minha dôr.

Separa-nos a sorte, e sorte ignara,
Não sei se mesmo a fé acaso existe
Para quem a ventura é tão avara.

Só tenho da saudade o gôso triste,
Saudado que esta vida ainda ampara,
Alma minha gentil que te partiste.

Digitized by Google

II

Voaste, meu amor, meu anjo ethereo,
De dentro de meu peito, que habitavas,
Sem ver que n'esse vôo me levavas
A alma e o coração!... Dôce mysterio,

Vizão que eu inda adoro, astro siderio,
Que é das crenças fieis que imaginavas,
Dos sonhos transparentes que sonhavas,
Que resta d'isso ?...—O pó d'um cemiterio !

A morte extingue tudo ?... Atroz loucura !
Não morre dentro d'alma amor ardente
Como morre dentro em nós dôce ventura.

Voaste ! Deus te guarde eternamente !
Mas como voaste tu, ó formosura,
Tão cedo d'esta vida descontente ?

Digitized by Google

III

Não póde o coração outr'ora amado
Sentir a tua ausencia, acre tormento,
Que punge, noite e dia o pensamento
De quem morre na vida escravisado.

Como d'antes não vejo illuminado
Pelos campos azues do firmamento,
Passar cheio d'amor, cheio d'alento
O teu rosto gentil, enamorado.

Divago sem razão, sem fé, sem tino
Por esse mundo além, continuamente,
Levado pelo braço do destino.

E emquanto assim caminho tristemente,
O' anjo que eu adoro e não defino,
Repoisa lá no céu eternamente.

Digitized by Google

IV

E pede a Deus que rege os mares tão fundos,
Que dá flores ao campo, ao céu estrellas,
Sorrisos fascinantes ás donzellas,
E ás mães seios uberrimos, fecundos ;

Que abra, deslumbrando os céus profundos,
Em noites de tormenta e de procellas
Os teus olhos, amor, duas janellas,
Que podem illuminar milhões de mundos.

E eu então, de joelhos, implorando
A bondade de Deus, que Deus existe,
Verei teus olhos pelo céu passando.

E, se n'isto a ventura não consiste,
No teu seio meu pranto vae guardando
E viva eu cá na terra sempre triste.

Digitized by Google

V

E viva eu cá na terra, solitario
Como um eremita austero do passado,
Rasgando o peito nú, já bem rasgado
Por este soffrimento involuntario.

Subirei como Christo o meu Calvario,
Levando dentro d'alma bem gravado
O Evangelho d'amor! Sou desgraçado
E como Christo um tristo visionario.

Viverei recordando o tempo antigo,
Porque a saudade d'elle inda me assiste,
Saudade que eu adoro e que bemdigo.

Não sei onde a saudade mais persiste,
Se cá na terra vil que pobre eu sigo,
Se lá no assento ethereo onde subiste.

Digitized by Google

VI

Saudade, ó minha dôce companheira,
Estremecida amante do meu peito,
Recebe no teu seio tão perfeito
O meu alento na hora derradeira.

E leva-o na tua aza sobranceira
Não á terra onde tudo vae desfeito
Mas lá, ao céu, ao perfumado leito
Onde ella repoisa feiticeira.

E diz-lhe, então: — Eu vi-o padecer,
Soffreu muito d'amor, d'amor ardente,
Só viveu para amar, para soffrer!

Agora adormeceu tranquillamente...
Recorda-o se em teu peito com prazer
Memoria d'esta vida se consente.

Digitized by Google

VII

Ao lembrar-te tão duro soffrimento,
Esta terrivel, densa feridade
Que eu sinto por chorar-te, tem piedade
Das lagrimas crueis do meu tormento.

De vida não me resta um só alento,
Sonhos não tenho um só de f'lecidade,
Eu vivo, sem viver, n'uma anciedade,
Torvado pela dôr o pensamento.

Desde que tu, minh'alma te evolaste,
Eu fiquei n'este mundo, penitente
D'um amor que de ha muito abandonaste.

Já sem crença, eu divago tristemente ;
Mas de lá, do mysterio onde voaste,
Não te esqueças d'aquelle amor ardente.

Digitized by Google

VIII

— Amor !... e que é amor ? — E' essa crença
Que eu tinha quando a face te beijava,
Amor é o respeito que inspirava
A' minh'alma, Leonor, a fé immensa !

A fé em Deus que anima quanto pensa,
A fé na luz que rompe a treva ignava,
A fé que tinha esta minh'alma escrava,
Quando dos labios teus era suspensa.

Amor é isto tudo que rodeia
Meu triste coração, a minha ideia,
O amor em tudo vive, em tudo existe.

Amor é o martyrio, a prece, o rogo,
Amor é essa chamma, é esse fogo
Que já nos olhos meus tão puro viste.

Digitized by Google

IX

Amor eram os prantos que choravas
Quando punhas em mim teus olhos bellos,
Amor eram aquelles teus anhelos
Que tu, ó casta flôr, tanto anhelavas.

Amor era isso tudo que sonhavas
Nos teus sonhos tão meigos e singellos,
Amor eram as comas dos cabellos
Que aos zephyros da tarde espreguiçavas.

Amor é esta magoa que alimento,
Esta saudade emfim que é meu sustento
E que sinto, minh'alma, por perder-te.

Amor sou eu, escravo, inda a adorar-te,
Se julgas que meu peito póde amar-te
E se vires que póde merecer-te.

Digitized by Google

X

Abandonado e só caminho agora,
Acurvado á tristeza mais profunda;
Nem um raio d'esp'rança o peito inunda
Ao infeliz que o teu amor deplora.

Leonor, das regiões d'eterna aurora,
Aonde o bem progride e a gloria abunda,
Lança um raio de luz á treva funda
E a minha crença, a minha fé, vigora.

Por piedade, meu anjo immaculado,
Mitiga a dôr cruel ao desgraçado
Que d'alma e coração se devotou

A adorar-te, suspensa do infinito,
Por que ólha, minha estrella, é mais que um mytho
Alguma coisa a dôr que me ficou.

Digitized by Google

XI

E' mais que um mytho, crê, esta saudade
Que dilacera as fibras do meu seio,
E' tormento cruel em que eu anceio
Nas horas da mais triste soledade.

Eu peço á noite, á lua, á immensidade,
Do rouxinol ao timido gorgeio,
A tudo em quanto vejo e em quanto leio
O poema da nossa mocidade,

Que te leve um suspiro dolorido,
O ecco triste de lugubre gemido
Que desprende o meu peito por não vêr-te.

E são estereis supplicas, lamentos!
Só me restam na vida os soffrimentos
Da magoa sem remedio de perder-te.

Digitized by Google

XII

Em vão pergunto aos ventos gemedores,
Do largo mar ás vagas alterosas
Se viram em paragens mais formosas
A donzella gentil dos meus amores.

E' em vão que interrogo as brancas flores,
As selvas solitarias, rumorosas,
As crenças do passado mais saudosas,
Os sonhos d'outras eras, tentadores.

Ninguem responde ao grito magoado
De meu peito que tanto a idolatrou,
Que tanto foi por ella idolatrado.

Já que a morte de mim te separou,
Que se quebre, Leonor, meu triste fado,
Roga a Deus que teus dias encurtou.

Digitized by Google

XIII

E, depois, na mansão d'eterno goso
Fallaremos d'amor e, suspirando,
Virá das illusões o affavel bando
Gorgeiar junto a nós, meigo e saudoso.

Se lá, no ceu, se póde ser ditoso
E se um logar me está lá esperando,
Quero-o só para estar sempre escutando
De teus labios um canto harmonioso.

Viver eternamente a idolatrar-te,
Ter alma unicamente para amar-te
E saber que jámais heide perder-te!..

Ai, venha a morte, a morte salvadora,
Que Deus escute a prece redemptora,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te.

Digitized by Google

XIV

Não se póde viver abandonado
A' dôr cruel que a alma dilacera!
A morte é paz, a vida uma chimera
Que me seduz e leva desvairado

Por esse mar além, encapellado
Pela desgraça incongruente e féra!
Não soffre a consciencia mais austera
Os embates fataes de horrivel fado.

Termine para sempre a desventura
Que tanto na minh'alma se enroscou,
Que me deu tantas horas d'amargura.

Leonor, já que a sorte nos ligou,
Tão cedo Deus me dê doce ventura
Quão cedo dos meus olhos te levou.

Digitized by Google

AMANHECENDO

A ANTONIO COELHO D'ARAUJO

Já no oriente o dia que amanhece
Alaga em luz dos prados a verdura
E tu não vens gosar da formosura
Que o ceu inunda e que os rosaes florece.

O vento agita ao perpassar a messe,
Deslisa a fonte murmurante e pura,
Canta e no canto que ideal ventura!
A camponeza que d'amor languece.

Suspira no pinhal a cotovia,
Os bois pacatos vão subindo o monte,
Bálla o rebanho que um camponio guia.

Digitized by Google

Ergue, Leonor, a deslumbrante fronte,
Mais bella e mais gentil inda que o dia,
Mais limpida e mais pura inda que a fonte.

NA TUA CAMPA

A NARCISO FEYO

Auscultando o teu peito de granito
Que escuto? Que lembranças pavorosas
Vem transformar ás viridentes rosas
Em lagrimas que sólto no infinito?

Ai, como se compunge atroz, afflicto
Na arcada de meu peito, em dolorosas
Convulsões, mui phreneticas, nervosas
Meu pobre coração? Verdade ou mytho,

Digitized by Google

Illusão, realidade, inferno ou ceu,
Abysmo, sorvedoiro, ó insondavel,
Levanta a ponta do tremendo veu.

Ai, eu quero sondar-te, ó innarravel,
Quero sentir pulsar o seio teu,
Viver n'esse teu ventre immensuravel.

A LAGRIMA

A MINHA FILHA SILVINA

A lagrima é a prece emmudecida
Que o coração envia aos olhos pulchros,
A lagrima vigora nos sepulchros
A haste da saudade emmurchecida.

Digitized by Google

A lagrima consola a ardente magoa
Que o peito cruelmente nos opprime,
A lagrima é o balsamo do crime,
Uma formosa estrella feita d'agoa.

A lagrima é um bem que nos consola,
A lagrima é talvez, quem sabe? a esmola,
Cheia d'unção, d'amor e d'alegria

Que Deus concede ás almas desgraçadas
Inundae, pois, meu rosto, abençoadas,
O' lagrimas que Deus do ceu me envia!

Digitized by Google

Digitized by Google

NOTAS

PRIMEIRA PARTE

VELHAS CRENÇAS

A) (vid. pag. 14). Este soneto foi escripto depois de publicados os sonetos SCEPTICISMO, recolhidos a pagina 31 e seguinte da collecção de versos do auctor CANÇÕES DA CANALHA.

B) (vid. pag. 53). A primeira parte d'esta poesia é imitação da que abaixo transcrevemos, escripta pelo notabilissimo poeta e nosso amigo Gomes Leal, que não se dignou responder á segunda e terceira parte do nosso trabalho, terminando assim, quasi ao principiar, este pequeno *torneio* poetico.

Digitized by Google

A UMAS MÃOS PEQUENINAS

Nem as pontas das espadas,
nem as temiveis clavinas,
abrem chagas mais rasgadas,
do que vós — mãos pequeninas!

O' mãos terriveis, suaves,
como mãos d'imperatrizes,
se sois brancas como as aves,
tambem fazeis cicatrizes!

Porque é que as mãos dos tyrannos,
cheias de sangue e assassinas,
não me causam tantos damnos,
como vós — mãos pequeninas?

Sois vós, ó mãos côr de prata,
ó mãos da minha loucura!
que abris a chaga que mata
a chaga que não tem cura!

Como as da lady Macbeth
terriveis, brancas, ferinas,

Digitized by Google

sois crueis como estylete,
sois como ellas pequeninas !

Sois brancas como as espumas,
regias como as das rainhas,
sois macias como as plumas
do peito das andorinhas.

Sois macias e suaves
como o conchego dos ninhos,
como as cabeças das aves,
e as pennas dos passarinhos.

Ah ! Já que tendes a prova
de que sois luciferinas,
— trazei-me *cravos* á cova,
ó brancas mãos pequeninas !

Lisboa, junho, 1882.

GOMES LEAL.

Digitized by Google

SEGUNDA PARTE

CAMONEANA

A) Estas poesias foram publicadas com outras, que não inserimos agora, na commemoração do tricentenario de Camões em dois opusculos *A Voz da Consciencia* e *A Alma de Camões* e valeram então os applausos da maioria da imprensa portugueza.

O respeitavel mestre de todos nós, que labutamos nas lides cruentas da litteratura contemporanea portugueza, o snr. Camillo Castello Branco, agradecendo-nos o offerecimento dos dois opusculos *A Alma de Camões* e *O Poeta Moribundo,* inserto a pags. 97 a 103 d'este volume, enviou-nos a carta que publicamos adeante. A nossa vaidade, n'este caso altamente justificada, não nos consente a modestia de deixar na sombra da nossa escrevaninha esse honrosissimo diploma que justifica que o nosso trabalho, muitas vezes assaltado por invejas pequeninas e miseraveis, mereceu

Digitized by Google

a approvação expontanea do maior e do mais independente de todos os escriptores modernos portuguezes.

O snr. Julio Lourenço Pinto, o festejado e consciencioso auctor da *Margarida*, do *Senhor Deputado* e d'outros trabalhos de merecimento, tambem nos animou com o seu amigavel applauso, enviando-nos uma outra carta que tambem adeante publicamos e bem assim o snr. Diogo de Macedo, poeta illustre e prosador distincto e outros cujas apreciações não representam, para nós, cumprimento banal, mas sincero e verdadeiro incitamento.

Snr. Ernesto Pires. — As duas peças de primorosa poesia que v. me enviou confirmam o elevado conceito que, desde as suas primeiras publicações, formei do seu talento. A versão de Lamartine é uma nacionalisação. Os sonetos modelados pelas magoas do de Camões tem uma espiritualidade classica d'um alto lavor plastico.

Dê-me v. muitas occasiões de o admirar e subscrevo-me

De v., etc.

S. C. 27—10—82.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Amigo e snr. Ernesto Pires. — Sou difficil em poesia, não a supporto mediocre; por isso, dizendo que li e reli e hei de ler mais vezes o seu adoravel poemeto *Alma de Camões*, tenho dito tudo o que se póde dizer em breves palavras. Isto não é só verso bem rimado, é poesia, aquella verdadeira poesia, aurea, ardente

Digitized by Google

que, mau grado, impelle a alma para as espheras mais limpidas e luminosas do céu da arte. E' tudo bom no seu poemeto, e quasi se chega a não acertar com o que é melhor. O soneto *A Lagrima* é uma joia, admiravel na fórma e mais admiravel na belleza original dos pensamentos, mas, quando se não reler outras estrophes, aquellas, por exemplo, em que se canta o amor com tão fervida eloquencia, ou as que téem por epigraphe *Sonhando, Amanhecendo, Na tua Campa,* não se atina com o que mais nos encanta.

E' innegavelmente um notavel poeta quem escreveu *A Lagrima* e est'outro soneto que começa *Auscultando o teu peito de granito...*

Magnifico! Os meus cordeaes parabens pelo folego progressivo do seu estro.

Creia-me sempre com particular estima

De v.

admirador e amigo,

Foz, 29—6—82.

JULIO LOURENÇO PINTO.

.....

Os sonetos da *Alma de Camões* são melancholicos, elegiacos, lacrimosos — genero lyrico de raros applausos hoje em dia; mas sairam bem metreficados e são perfeitamente caracteristicos. O seu cunho de assimilação é de um merito incontestavel; reflectem admiravelmente o sentimento camoneano. Não se envergonharia de os assignar João de Deus, o poeta que melhor tem sabido comprehender e imitar o cantor de Natercia.

.....

DIOGO DE MACEDO.

Digitized by Google

A Alma de Camões, por Ernesto Pires, Porto.

Estas novas poesias de Ernesto Pires são escriptas em correcta linguagem, e são assim uma prova convincentissima, a quem por ventura fosse de opinião contraria, de que a boa linguagem, em fim de contas, não causa damno a ninguem, nem ás bellas lettras, nem á boa poesia, nem mesmo ás sciencias.

Para mim estes quantos sonetos de Ernesto Pires, publicados expressamente para commemorar o tricentesimo segundo anniversario d'esse nobilissimo espirito que se chamou Luiz de Camões, téem um preço singularissimo, e vem a ser: o revelarem um poeta original, um poeta que tem uma physionomia differente dos outros.

Quasi todos elles são graciosos, argutos, repassados de saudade e lançados com aquella facilidade elegante que enamora, e que por isso mesmo é difficilima.

Ernesto Pires publicou um bello opusculo pelo qual o felicito de todas as veras.

Porto.

A. DE SEQUEIRA—FERRAZ.

A VOZ DA CONSCIENCIA. — *Homenagem a Camões*, por Ernesto Pires.—Porto, 1881.

O nosso estimavel collega, o snr. Ernesto Pires acaba de publicar n'um folheto, sob o titulo que deixamos transcripto, algumas composição poeticas inspiradas pelo grande genio e diversos sonetos.

D'entre as poesias consagradas a Camões é digna de especial menção, apesar de ser escripta sobre um ponto de vista atrasado, *O pranto de Camões*, que me-

Digitized by Google

receu as honras de ser traduzido para catalão pelo nosso illustre correligionario e collega do *Diari Catalá* o snr. Conrat Roure, traducção esta que o snr. Pires publica em nota na ultima pagina do seu folheto. Entre os sonetos nota-se ainda o ultimo dos quatro que vem sobre o titulo de *Septicismo,* pela ideia que encerra em si.

Agradecemos ao nosso amigo o exemplar que nos offereceu.

(*Vanguarda*) TEIXEIRA BASTOS.

A ALMA DE CAMÕES. — E' um elegante folheto firmado pelo nome laureado de Ernesto Pires, um revolucionario distincto, e um espirito docemente poetico e talentoso.

N'uma mimosa serie de sonetos decassyllabos, fechados com a chave de ouro dos versos do mais bello soneto do grandioso Camões, Ernesto Pires descreve um sentimento finissimo, em perolas de lyrismo nunca exagerado, porém repassado de saudades e melancolias serenas.

Preferimos vel-o vibrar as cordas revolucionarias da lyra do direito dos povos, como temos já visto; todavia não podemos deixar de accentuar a nossa sympathia pelo poeta que ora proclama energicamente a revolta, ora vibra as notas suavissimas que exprimem idéaes suspiros.

(*Voz do Operario*) ANGELINA VIDAL.

A ALMA DE CAMÕES.—Tem este titulo um formosissimo opusculo de 24 paginas, verdadeira joia typographica, ha dias sahido á luz. Contém elle dezoito

Digitized by Google

primorosos sonetos, no gosto e estylo camoneano, a primor burilados pelo snr. Ernesto Pires.

Os quatorze primeiros terminam em seu ultimo verso, com um dos do famoso e encantádor soneto de Camões

Alma minha gentil que te partiste!

e os quatro restantes intitulam-se: *Sonhando, Amanhecendo, Na tua campa,* e *A lagrima.*

E' para nós este trabalho do snr. Ernesto Pires a mais excellente de suas producções poeticas, e cremos bem que ficará subsistindo como uma perola do lyrismo contemporaneo.

Nossos parabens por elle!

(*Aurora do Cavado*) DR. RODRIGO VELLOSO.

A ALMA DE CAMÕES, por Ernesto Pires.

Não é uma apreciação ao merito do escriptor, nem uma analyse graphica á construcção poetica do livro. E' uma recommendação ao povo que lê e uma confissão de estima ao auctor.

A Alma de Camões é uma coordenação de sonetos, abertos a buril, com um pulso firme, nas vinte e quatro paginas do elegante livrinho.

O aprimorado camoneano da ficção poetica, a culminação fulgurante e rapida da ideia livre são o maior complemento da obra.

As fulgurações da esthetica, a psychologia sentimental d'uma saudade que dilacera o intimo impressionista do poeta, jorram d'aquelles versos cadentes, concordes com as funcções artisticas e trazem-nos por vezes os arroubamentos phosphorecentes d'uns arrojos meridionaes e outras a perfumação das brisas leves do norte. Aquellas rimas cadenciadas palpitam de um amor

Digitized by Google

medieval que nos recordam as noites de luar calmo, as gelosias, as brancas açucenas das castellãs lacrimosas, as serenatas melodiosas dos Cisneros debaixo das sacadas meio cerradas, emmoldurando um vulto de mulher amada n'umas trovas languidas.

Ha n'aquellas paginas, vertido o aljofar d'uns olhos visionarios. Aquella Leonor é um vulto mysterioso de espirito desprendido da terra, um vago transitorio de ether que esvoaça no infinito pallido do poeta, invisivel para nós, uma vaporação d'uns restos de fogo que se exhala para além das nuvens que interceptam o azul.

E' uma:

«Leonor das regiões da eterna aurora»

E para o poeta,

«A lagrima vigóra nos sepulchros
«A haste da saudade emmurchecida.»

A execução typographica do livro é d'um modernismo encantador.

A simplicidade artistica da composição surprehende-nos. E' esplendida.

(*Independente Regoense*) PEDRO DO VAL.

ALMA DE CAMÕES.— O distincto poeta portuense snr. Ernesto Pires acaba de publicar n'um bello folheto, uma collecção de sonetos intitulada *A Alma de Camões*. São poesias de um alto ideal e de uma factura correcta.

Agradecemos áquelle cavalheiro o exemplar que delicadamente nos offereceu.

(*Primeiro de Janeiro*)

Digitized by Google

A Alma de Camões.— E' o titulo de uma apreciavel collecção de sonetos que o conhecido poeta portuense, snr. Ernesto Pires, acaba de dar á estampa em edição de luxo.

D'esse mimoso ramilhete de versos com que Ernesto Pires enflorou a sepultura do grande epico, na commemoração do tricentenario da sua morte, destacamos o seguinte soneto, que é realmente esplendido:

A LAGRIMA

A lagrima é a prece emmudecida
Que o coração envia aos olhos pulchros,
A lagrima vigora nos sepulchros
A haste da saudade emmurchecida.

A lagrima consola a ardente magoa
Que o peito cruelmente nos opprime,
A lagrima é o balsamo do crime,
Uma formosa estrella feita d'agoa.

A lagrima é um bem que nos consola,
A lagrima é talvez, quem sabe? a esmola,
Cheia d'unção, d'amor e d'alegria

Que Deus concede ás almas desgraçadas
Inundae, pois, meu rosto, abençoadas,
O' lagrimas que Deus do ceu me envia!

(*Dez de Março*) SÁ D'ALBERGARIA.

Digitized by Google

A Alma de Camões.— E' um notavel poemeto, por Ernesto Pires ha dias dado á luz em explendidos sonetos. E' mais um mimo com que o illustre poeta e prozador se distingue, honrando e muito a muza nacional.

(*Liberdade*) DR MELLO D'AZEREDO.

A Voz da Consciencia. — Homenagem a Camões por Ernesto Pires. — Devemos ao favor do nosso bom amigo e distincto poeta o snr. Ernesto Pires o offerecimento de um exemplar d'este seu opusculo agora sahido á luz. Lemos com todo o interesse e com a viva attenção de que nos sentimos presos, os formosos e gentis versos que para nós ficam constituindo a melhor obra das tantas, e algumas excellentes, pelo snr. Ernesto Pires publicadas. *O Pranto de Camões* que foi traduzido em catalão e publicado no *Diario Catalã* de Barcellona, é um verdadeiro mimo, e são-n'o tambem os sonetos, imitação de Camões, com que fecha o opusculo.

Parabens a Ernesto Pires por este novo e sasonado fructo de seu talento.

(*Aurora do Covado*) DR. RODRIGO VELLOSO.

A Alma de Camões. — Recebemos e agradecemos uma nitida brochura com egual titulo devida á penna do nosso amigo Ernesto Pires, e publicada em 10 do actual, para commemoração do tricentesimo segundo anniversario da morte do assombroso cantor das nossas glorias — Luiz de Camões.

D'este bello trabalho demos hontem uma amostra nas *Crystallisações*.

(*Folha Nova*)

Digitized by Google

A ERNESTO PIRES

DEPOIS DA LEITURA DA SUA POESIA A LAGRIMA

Se é a lagrima triste como a noite,
tem o brilho gentil de meiga estrella
e sempre, derramado, ella revela
um coração onde o pesar se acoite.

Desejo para mim, quando o açoite
da sorte me rasgar a crença bella,
uma lagrima só pura e singella
que na descrença inda feliz me afoite.

Bem dizes tu, Ernesto, o pranto salva,
é n'uma escuridão o romper d'alva,
é n'uma dôr consolação immensa.

O' lagrimas bemditas e suaves,
tendes em vós plumagens como as aves
e tendes lenitivos como a Crença.

Foz do Douro, 1882.

ARIOSTO MACHADO

A CAMOENS

Mana Deu al *poeta*: «Canta e plora;
la gloria vé després del sofriment;

Digitized by Google

al pit hi tinch un' urna hont á tot hora
las llágrimas del triste hi van cayent.»

Lo *poeta* obeheix. Al temps que canta,
en cristalls lo seu plor surt convertit,
y va cayent com una pluja santa
en l' urna que Deu guarda dintre 'l pit.

Y transformat allí em milions d'estrellas,
per la volta del cel l'escampa Deu.
Quan més plora 'l *poeta*, més son ellas,
y van brillant las llágrimas arreu.

¡ No sé, Deu meu, com en lo cel s'hi nota
un sol espay sense gentils clarors !
¡ Pera inundar del cella volta tota,
han de bastar de Camoens tants de plors !

Barcelona.

CONRAT ROURE.

LES PLEURS DU CAMOÊNS

Poéte, lui dit Dieu, chant et souffre sans craint :
Le martyre se change en rayon lumineux;
Et puis j'ai dans mon sein une urne trois fois sainte,
Oú je reçois les pleurs de l'homme malheureux.

Le poéte obéit : il chant et de ses yeux
On voit couler ses pleurs, douce et tendre rosée
Qui descend lentement dans le sein de Dieu
Pour être avec grand soin dans l'urne déposée.

Digitized by Google

Elle se change bientôt en millions de diamants
Que le bon Dieu attache à la vôute azurée,
Plus les pleurs son, plus sont les reflets scintillants,
Et si grands ! qu'ils seront d'éternelle durée !

Mon Dieu ! je suis surpris que dans l'immensité
Il se puisse encore voir des lieux sans lumière:
Les pleurs du Camoëns, d'une douce clarté
Auraient pu surement la remplir tout entière.

Paris.

B. ORFEUVRE

Digitized by Google

Digitized by Google

INDICE

PRIMEIRA PARTE

VELHAS CRENÇAS

No tumulo de meu pae..... 9
Mater..... 11
Perdão..... 14
Ernestina..... 16
Um poema d'alma..... 18
O teu retrato..... 23
Vizão..... 26
Descrença..... 31
Na campo..... 35
O homem..... 39
Quadros historicos..... 41
Miniaturas..... 44
Ao actor Soller..... 46
Eu e ella..... 48

Digitized by Google

Supplica..... 49
Illusões..... 50
N'um tumulo..... 52
A umas mãos pequeninas..... 53
Meditando..... 57
Devaneios 59
Mysterio..... 61
Descrença e amor..... 62
A uma peccadora 63
Conforto..... 67
O natal..... 69
Saudação..... 70
Cruel..... 71
Ruinas..... 72
Palavras na sombra..... 77
Chora!..... 79
A' gloriosa actriz D. Emilia das Neves... 80
A gratidão do actor..... 82
Do intermezzo..... 85
Hontem á noite..... 96
O Poeta moribundo..... 97
Revista Nocturna..... 104
A' morte da Rainha Mercedes..... 107
As tres donzellas..... 108
No exilio..... 113
Perfis..... 121
Feliz Passado..... 125
Saudade..... 130
Bemdicto Pranto..... 133
O teu silencio..... 134
Eccos do Tumulo..... 136
Amor e morte..... 139

Digitized by Google

SEGUNDA PARTE

CAMONEANA

A Camões..... 145
O Pranto de Camões..... 145
A Voz da Consciencia..... 147
A uma morta..... 148
Portugal e Camões,..... 150
A Alma de Camões..... 154
Amanhecendo..... 168
Na tua campa..... 169
A lagrima..... 170

Notas 173

Digitized by Google

ERRATAS

Pag. 22, verso 2, onde se lê: desfazer-se a esp'rança, deve ler-se: a desfazer-se, etc.
Pag. 26, verso 6, onde se lê: sguas, deve ler-se: agoas.
Pag. 28, verso 12, onde se lê: feras, deve ler-se: selvas.
Pag. 40, verso 2, onde se lê: prantos, deve ler-se: astros.
Pag. 42, verso 18, onde se lê: inda clamar, deve ler-se: inda a clamar.
Pag. 45, verso 13, onde se lê: sei, deve ler-se: seio.
Pag. 65, verso 14, onde se lê: de mar, deve ler-se do mar.
Pag. 104, verso 12, onde se lê: Cheio d'extranhos vigor, deve ler-se: Cheio d'extranho, etc.

Outros erros de pequena importancia escaparam á revisão, mas o leitor facilmente os corregirá.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

THE BORROWER WILL BE CHARGED THE COST OF OVERDUE NOTIFICATION IF THIS BOOK IS NOT RETURNED TO THE LIBRARY ON OR BEFORE THE LAST DATE STAMPED BELOW.

BOOK DUE WID

FEB 5 1979

CANCELLED

OCT 1 1978

621322

Digitized by Google

Port 6182.3.31
Scintillacoes e sombras.
Widener Library 003618262
3 2044 080 824 477